



OSIRIS

REVISTA PORTUGUESA DE TEOSOFIA

Publicação quadrimestral da Sociedade Teosófica de Portugal

MAIO ~ AGOSTO 2010, Nº 19

ISSN 0873 - 0814



DECLARAÇÃO DE PRINCÍPIOS

A Sociedade Teosófica é composta por estudantes que pertencem a qualquer religião no mundo, ou a nenhuma, que estão unidos pela aceitação dos Objectivos da Sociedade, pela vontade de remover os antagonismos religiosos e de aproximar os homens de boa vontade, independentemente das suas opiniões religiosas, e pelo desejo de estudar as verdades religiosas e de partilhar os resultados dos seus estudos com os outros. O seu vínculo de união não é professar uma crença comum, mas uma busca comum e a aspiração pela Verdade. Eles sustentam que a verdade deve ser procurada pelo estudo, pela reflexão, pela pureza de vida, pela devoção aos ideais elevados, e consideram a Verdade como uma recompensa a ser alcançada pela força da vontade, e não como um dogma a ser imposto pela autoridade. Eles consideram que a crença deve ser o resultado do estudo individual ou da intuição, e não a sua premissa, e deve fundamentar-se no conhecimento, não na alegação. A todos eles estendem a sua tolerância, mesmo aos intolerantes, não como um privilégio por eles conferido, mas como um dever que desempenham, procurando eliminar a ignorância, e não puni-la. Eles vêem qualquer religião como uma expressão da Sabedoria Divina e preferem o seu estudo ao invés da sua censura, e a sua prática ao invés do proselitismo. A Paz é o seu lema, assim como a Verdade é o seu objectivo.

A Teosofia é o corpo de verdades que constitui a base de todas as religiões, e que não podem ser reivindicadas como propriedade exclusiva de nenhuma religião. A Teosofia oferece uma filosofia que torna a vida inteligível, e que demonstra a justiça e o amor que guiam a sua evolução. A Teosofia coloca a morte no seu devido lugar, como um incidente recorrente numa vida sem fim, abrindo a porta para uma existência mais plena e radiante. A Teosofia restitui ao mundo a Ciência do Espírito, ensinando o homem a conhecer o Espírito como ele mesmo, e a mente e o corpo como seus servos. A Teosofia ilumina as escrituras e as doutrinas das religiões, desvendando os seus significados ocultos, e, desta forma, justificando-as à luz da inteligência, uma vez que elas são sempre justificadas aos olhos da intuição.

Os Membros da Sociedade Teosófica estudam essas verdades, e os Teósofos esforçam-se por vivê-las. Todo aquele que estiver disposto a estudar, a ser tolerante, a desejar o mais elevado, e a trabalhar com perseverança, é bem-vindo como membro, e dele dependerá poder tornar-se um verdadeiro Teósofo.

in The Theosophist

OSIRIS

REVISTA PORTUGUESA DE TEOSOFIA

MAIO - AGOSTO 2010, Nº 19

Periodicidade quadrimestral

ISSN: 0873-0814

Depósito legal: 88327/95

S.R.I.P. 100 777 STP

Tiragem: 400 Exemplares

Propriedade: Sociedade Teosófica de Portugal

Rua Passos Manuel 20, cave

1150-260 Lisboa

www.sociedadeteosoficadeportugal.pt

geral@sociedadeteosoficadeportugal.pt

Tel.: 21 353 47 50

NIF: 501 465 251

Director: Carlos Guerra

Colaboradores: Ana Maria Coelho de Sousa,

António Roque, Maria de Lurdes Rodrigues,

Rosa Duarte

A S.T.P. é responsável pelas notícias oficiais publicadas nesta revista. Os artigos são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

Impressão: Gráfica Eborense, Sociedade

Instrutiva Regional Eborense, S.A.

Rua da Misericórdia 9-13, Apartado 28,

7002-501 Évora

Capa: Henry Steel Olcott (1832-1907),

primeiro Presidente da Sociedade Teosófica Internacional (Adyar, Índia) de 1875 a 1907, da qual foi fundador com Helena Blavatsky (1831-1891).



SUMÁRIO

Editorial

MAIO ~ AGOSTO 2010

Editorial

Carlos Guerra 1

Paciência: O Aspecto Espiritual

Radha Burnier 2

A Energia da Meditação

J. Krishnamurti 6

Libertar-se da Ilusão

Danielle Audoin 8

A Dinâmica da Fraternidade

N. Sri Ram 12

A Natureza do Silêncio

Surendra Narayan 16

O Caminho da Verdade

Phan-Chon-Tôn 18

A Fraternidade como uma Via para a Consciência Desperta

Trân-Thi-Kim-Diêu 22

A Vida e a sua Mensagem

C. Jinarajadasa 27

Nos Sábios Não Existe Apego

C. A. Shinde 31

Teosofia para Quando?

José Correia 35

Notícias da S.T.

37

Notícias da S.T.P.

38

A abertura mental à renovação é fundamental nas nossas vidas. A regeneração do ser humano, como consequência dinâmica do conhecimento de si mesmo, pressupõe essa abertura mental. Uma tal abertura mental gera a harmonia entre as nossas vidas e o facto indiscutível de que tudo nelas é impermanente; por sua vez, esta harmonia dá leveza às nossas vidas, e aprofunda-lhes o sentido.

A revista Osíris, cujo primeiro número data de 1933, na continuação da anterior revista Ísis, iniciada em 1921, dá agora, uma vez mais, sinais desse sentido de renovação – uma renovação que valoriza todo o trabalho anteriormente desenvolvido e, ao mesmo tempo, abre novas oportunidades a um trabalho que aguarda a sua concretização. A revista Osíris pretende ser um reflexo dos princípios de carácter filantrópico que têm norteado o trabalho da Sociedade Teosófica, desde a sua formação oficial em Novembro de 1875. Desde o seu início, tal trabalho, do qual a dedicação de H. P. Blavatsky e de H. S. Olcott, entre outros, é referência inspiradora, tem sido marcado pelo questionamento, do qual a investigação partilhada é, simultaneamente, uma causa e uma consequência. O questionamento e a investigação favorecem o aprender; e a vontade de aprender, no seu sentido dinâmico, é um elo de ligação entre os membros e os amigos da S.T., e deveria assumir-se como um elo de ligação entre todos os seres humanos. A revista Osíris pretende ser um canal daquela Sabedoria Universal que não é pertença de nenhum ser humano, nem de nenhuma organização; o nome dado a essa Sabedoria Universal é de somenos importância, mas conhecemo-la e divulgamo-la sob o nome de Teosofia. De uma forma desprezível, a revista Osíris assumir-se-á como um estímulo à reflexão, evitando o mero intelectualismo, bem como a falsa espiritualidade que, por vezes, tendem a afirmar-se no nosso tempo.

Expressamos um agradecimento a todos aqueles que, com empenho desinteressado, têm contribuído para manter em plena actividade a S.T.P. e lançamos um apelo a todos aqueles que, de uma forma igualmente generosa, desejem envolver-se num novo fôlego impulsionador dessa actividade.

A todos os membros e amigos da S.T. manifestamos um voto de *indômita determinação* – como afirma H. P. Blavatsky num pequeno texto intitulado *Autoconhecimento* – para percorrermos, sem motivo e sem meta, os caminhos daquele conhecimento maior que é o conhecimento de si mesmo, o qual está na base da regeneração humana.

Carlos Guerra

Paciência - O Aspecto Espiritual

RADHA BURNIER

Imaginemos uma pessoa que nasceu cega; não só está impossibilitada de ver muitas das coisas que são necessárias para facilitar a vida, como também não pode ver a beleza da terra, as cores do céu, os pássaros, as plantas, os animais e, está claro, o rosto dos seres humanos. Mas a pessoa cega consegue apreender, sentir o gosto, cheirar, ouvir, pensar, etc. É capaz de experienciar o mundo de forma diferente daqueles que vêem. De modo idêntico, podemos imaginar como várias outras criaturas, por exemplo animais e pássaros, sabem como viver no seu próprio mundo, porque o poder do raciocínio e a experiência da razão que afecta a vida humana não têm qualquer significado para eles. A nossa compreensão dos animais faz-se através do afecto, mas eles não podem compreender esta experiência humana, tal como não podem compreender o que faz o raciocínio, pois vivem pelo instinto e entendem as coisas de forma diferente.

Por analogia, compreendemos que há pessoas que levam uma vida muito diferente da nossa. O que é essencial e vital para elas não é para nós importante e o que é importante para nós não possui qualquer relevância no mundo em que elas vivem. O tempo é muito importante no mundo dos homens, sendo muito mais importante para o homem moderno do que para os antigos. Organizações e instituições funcionam com o tempo, como acontece como a maior parte dos seres humanos. Se não prestassem atenção ao passar do tempo, grande parte das organizações desmoro-

nar-se-iam. Este é apenas um nível em que o tempo funciona.

A ilusão do tempo faz com que o ser humano encare o mundo de forma psicologicamente diferente daqueles para quem o tempo não tem valor. A primeira regra do livro *Luz no Caminho* diz “Mata a ambição”. A ambição só existe sob o controlo do tempo. É o desejo de se obter algo, para se conseguir fazer algo dentro de determinado tempo. Assim, a ambição tem muito a ver com o tempo tal como o conhecemos.

Tudo na natureza existe, cresce e morre de acordo com as suas regras. Quando uma criança nasce, não temos muito a fazer com o seu crescimento. De modo semelhante, quando uma semente é plantada, se o tiver sido nas condições correctas, germina e torna-se uma planta nova, tornando-se depois numa árvore com flores e frutos. Isto acontece por si. Tudo isto acontece não apenas fisicamente sob a forma de crescimento, mas também através das mudanças que ocorrem nas faculdades que todo o homem possui.

Todo o ser humano possui faculdades extraordinárias, não só a faculdade de raciocínio, mas também outras que despertam o sentido da beleza, que criam a consciencialização da paz, etc. Estas faculdades cresceram até ao estado actual por si mesmas, mas estranhamente não aceitamos o crescimento, essa expansão que vem através da Natureza. Por causa do nosso sentido do tempo pensamos que durante um determinado período de tempo temos de chegar a determinado ponto e obter certas coisas.

O tempo é uma ilusão; passa de forma diferente consoante estamos felizes ou em sofrimento. Se estamos de pé numa fila ele pode passar muito lentamente, mas se nos encontramos no princípio da fila então o tempo já não passa tão lentamente. Se pensarmos nisto vemos que o modo como o tempo passa depende do nosso desejo. Se estivermos no fim da fila e quisermos desesperadamente estar no começo, o tempo passa lentamente, mas se estivermos no princípio da fila o tempo não parece mover-se da mesma maneira.

Talvez esta seja uma das coisas a ter em mente quando Krishnamurti afirmou “O desejo é tempo”. A ambição é um tipo de desejo – um desejo intenso – e provoca muitas dificuldades nos relacionamentos. As guerras em curso que causam muito sofrimento a um imenso número de pessoas são produto da ambição. A ambição faz com que as pessoas desejem cada vez mais coisas. Podemos sentir ambição por coisas pequenas ou por coisas grandes, por satisfação espiritual ou apenas por satisfação intelectual ou sensorial. É tudo a mesma coisa – o desejo de se alcançar algo neste tempo de vida.

Os animais não têm ambição porque, ao contrário dos seres humanos, não possuem o sentido do tempo. Não se apercebem de que outros passaram à frente e por isso são mais livres. O ser humano ambicioso quer que todo o mundo saiba que foi ele quem fez mais e melhor. Esta é parte da satisfação que a ambição proporciona – comparar-se com os outros, dizer “corri mais depressa do que todos os outros”. O animal corre muito depressa inconscientemente sem tentar impressionar ninguém.

A competição no mundo é origem de imenso mal, como Madame Blavatsky escreveu no seu livrinho *Ocultismo Prático*. É a parte do mundo em que a ilusão do tempo é forte. Ambição, desejo, consecução, são tudo apenas expressões das ilusões da mente. Aquele que é

livre é aquele que não sente em si a opressão do tempo, pois deseja que as coisas cresçam e se movam de acordo com o fluxo da Natureza. Porque é que a planta pequena não é uma árvore grande? Se não nos sentirmos ansiosos em termos do tempo, limitar-nos-emos a observar a planta a crescer até se tornar uma árvore; veremos que o homem a quem chamamos um homem mau se tornará um homem bom, sem o forçar e sem o modelar para que se modifique. Fazemos todas as coisas que o ser humano médio deseja fazer, mas aqueles que sabem, os Mestres da Sabedoria, não fazem estas coisas. Actuam com paciência. A qualidade da paciência é uma grande qualidade que inunda o mundo com luz.

Ser Livre do ‘Conhecimento’

O conhecimento que possuímos – conhecimento mental – pode ser uma ilusão. Pensamos, vemos e sabemos, mas o que sabemos não vale realmente ser sabido. Com excepção de uma pequena parte da existência física, para a qual poderá ter valor, do ponto de vista espiritual não tem qualquer valor. Conhecemos alguns ‘factos’ que podem não ser realmente factos. Por exemplo, quando dizemos que conhecemos determinada pessoa, é possível que conheçamos alguns factos acerca dessa pessoa. Mas a maior parte das vezes existe a ilusão de que se conhece a pessoa, mesmo quando não conhecermos todos os factos acerca dessa pessoa.

Certo tipo de significado, que não conseguimos descrever, é o coração do conhecimento. No início de *A Voz do Silêncio* encontramos a frase “Tendo-se tornado indiferente para com os objectos da percepção...” Isto é muito significativo. Os objectos da percepção não desaparecerão, pois existem, pelo menos por enquanto. Mas o que acontece ao ser humano vulgar é que ele se envolve, e depois se enreda, nesses objectos. A partir do momento em que

dizemos “gosto disto, não gosto daquilo, isto é agradável, aquilo não é”, o juízo que fazemos é uma forma de envolvimento, um enredo psicológico.

Embora o objecto de percepção ainda exista, e a mente esteja em observação, pode não ficar poluída se não se formularem opiniões, se não houver atracção nem repulsão. Fica, de certa forma, indiferente. Quando a mente pessoal não avalia, não emite opinião, sem ser atraída nem repelida, através da observação ou da atenção, a mente chega a saber o que está dentro, não apenas a aparência do objecto. Isto aplica-se não só a um determinado objecto da percepção, mas a todo o mundo, isto é, a tudo o que experienciamos. O Caminho do Meio ensinado por Buddha consiste em não experimentar nenhuma reacção, quer seja atracção, quer seja repulsão. A mente é, então, apenas uma testemunha. Isto é a verdadeira renúncia, o espírito de não movimento que é o verdadeiro conhecimento.

Um Mahatma diz, numa carta, que aos Mahatmas basta focar a atenção em algo para obterem a compreensão instantânea daquilo para que estão a olhar. Do seu ponto de vista, todo o nosso conhecimento é trivial e gastamos demasiado tempo no esforço para acumular conhecimento que é trivial. Até nos podemos considerar peritos mas, para além da utilização prática, se é que existe alguma, o conhecimento não tem qualquer valor. Será que aquele que é muito conhecedor de aviões ou de qualquer coisa do género, é mais generoso por causa disso, mais compassivo, mais capaz de se libertar da infelicidade ou do sofrimento? Não creio. O conhecimento vulgar não faz qualquer diferença, a não ser na imaginação do próprio, e é isto que acontece com todos os outros que se encontram na mesma situação.

De acordo com certas ideias espirituais, o verdadeiro conhecimento não é o mesmo a

que chamamos conhecimento. É a percepção da verdade da divindade em todo o lado. É a verdadeira percepção de que a Realidade Una é imanente em todo o átomo. Esta percepção é a origem da consciência desperta, da beleza e do amor no relacionamento. É um *insight* que vai directo à natureza oculta das coisas. O mundo da Luz é diferente por causa da consciência desperta, não pelo conhecimento superficial que actualmente tanto apreciamos. Nesse conhecimento não existe a ilusão do tempo nem conhecimento de qualquer género particular.

O Teósofo não é apenas um membro da Sociedade Teosófica. Cabe-lhe um papel especial – descobrir o verdadeiro conhecimento.

A Promoção do Trabalho

A evolução que ocorreu até agora tem sido muito instrutiva. Alguns dos pontos de vista científicos recentes confirmam o que alguns teósofos têm vindo a dizer – que a futura evolução na terra será uma continuação do actual processo nosso conhecido. As chamadas coisas não vivas, depois as pequenas criaturas, a vida vegetal e a vida animal impulsionaram a evolução até ao actual estádio humano; novos passos serão dados quando o ser humano melhorar. Está claro que todas estas partes da evolução levam um tempo imenso, mas a Natureza nada tem a ver com o tempo inventado pelo homem.

O futuro conduzirá o ser humano para lá do estádio humano até ao nível do Rshi, o qual sabe muitas coisas sobre as quais não pode por enquanto falar ao homem. Mas neste processo evolutivo misterioso aprenderá aquilo que mencionámos atrás, isto é, a natureza da beleza, do amor e a percepção que é consciencialização do que reside no interior, bem como do que reside no exterior das coisas. É uma nova fase para a qual nos dirigimos. Já há sinais deste movimento nas afirmações de alguns cientistas e, está claro, das pessoas que sabem.

O *insight* ou consciencialização do que irá acontecer no futuro é de grande importância para toda a humanidade. Sabemos que seres humanos mentalmente espertos não são necessariamente as pessoas que virão a ser figuras líderes no avanço para o futuro. Serão antes aqueles cuja intuição os leva para níveis mais elevados e, para tal, é necessária preparação. Para a intuição funcionar não pode misturar-se com um pensamento confuso sobre as próprias capacidades de cada um. Por outro lado, a intuição faz apelo a uma mente pura – os que aprenderam a manter as suas mentes não tocadas por impulsos animais, medos e o género de sentimentos que caminham a par dos estádios de crescimento. Por conseguinte, o nosso ajuizamento sobre várias coisas será baseado não no que sabemos serem considerações mundanas, mas em factores que são necessários para o novo estádio. Este novo estádio foi grandemente tocado nos primeiros tempos da Sociedade Teosófica, mas agora desapareceu para último plano.

Por exemplo, a ideia de que devemos produzir literatura que seja apelativa para os

que são intelectualmente avançados pode não ser muito válida. Temos de fazer apelo aos que conseguem ver para a frente, para um modo de vida que será extremamente diferente. Este modo de vida só se pode concretizar quando as iniquidades do pensamento e da acção actuais não fizerem parte deste quadro. Pertence à nova mente substituir o pensamento antigo. Encontramo-nos no processo de iniciar uma nova vida e não nos podemos permitir querermos parecer inteligentes a partir do ponto de vista competitivo vulgar. Tem de haver uma mudança radical na nossa abordagem em que possam existir pureza, amor, o sentido do que está certo e verdade. Todas estas coisas são importantes.

Se na Sociedade Teosófica existirem algumas pessoas que possam exemplificar estas qualidades nas suas vidas, elas começarão a produzir efeito. O perigo é que, à medida que o tempo passa, esquecemos o propósito original. ∞

in The Theosophist, Setembro de 2009

Como a Sociedade Teosófica se espalhou por todo o mundo civilizado e para ela entraram membros de todas as religiões sem deixarem os ensinamentos especiais dos seus respectivos credos, é de salientar o facto de não existir doutrina nem opinião, ensinada ou mantida seja por quem for, que de alguma forma prenda qualquer membro da Sociedade. Nenhum instrutor ou escritor, desde H. P. Blavatsky, tem autoridade para impor os seus ensinamentos ou opiniões aos restantes membros.

O futuro da Sociedade [Teosófica] está na liberdade de opinião dentro do seu seio e na tolerância que deve existir ente os seus membros com respeito às opiniões dos outros. A Sociedade Teosófica serve a Sabedoria Divina e a sua divisa é esta: “Não há religião superior à verdade”

Annie Besant

A Energia da Meditação

J. KRISHNAMURTI

O pensamento é limitado porque o conhecimento acumulado é limitado, e qualquer que seja a acção que ele realiza, ou invente, tem de ser limitada. Temos de ter uma mente e um coração lúcidos para podermos compreender o que é uma mente religiosa. Para descobrirmos o que é uma mente religiosa temos de negar por completo todos os rituais e símbolos inventados pelo pensamento.

Se rejeitarmos, negarmos aquilo que é falso, então encontraremos o que é verdadeiro. Negamos todos os sistemas de meditação porque vemos que esses sistemas foram inventados pelo pensamento; eles foram elaborados pelo homem. E porque a vida é tão medíocre, tão incerta, desejamos ter uma qualquer satisfação «profunda», algum amor, por algo que seja estável, permanente, que perdure. Queremos algo que seja imutável, e julgamos que o conseguimos se fizermos certas coisas. Essas coisas são inventadas pelo pensamento, e este, em si próprio, é contraditório, e deste modo qualquer estrutura em meditação gerada pelo pensamento não é meditação. Tem de haver uma rejeição completa, uma negação total de tudo o que o ser humano tem inventado psicologicamente, não tecnologicamente.

Não se pode negar a tecnologia, trata-se de negar todas as coisas que o homem tem inventado e escrito ao buscar a Verdade. Como queremos fugir do nosso tédio e do nosso sofrimento, caímos nessa armadilha. Portanto, na meditação, temos de rejeitar totalmente todas

as posturas, todos os exercícios de respiração, todas as actividades do pensamento.

Quando tudo isso é posto de lado, então surge a questão: Pode o pensamento ficar suspenso? Ou seja, sendo o pensamento tempo, pode esse tempo parar? Não o tempo exterior, o cronológico, mas o tempo psicológico que tem a ver com o «vir a ser – vir a ser iluminado, vir a ser não violento, um homem vaidoso vir a ser um homem humilde. Todo este padrão de psicologicamente «vir a ser» é tempo, e este é também pensamento.

Pode o pensamento parar? Não através de disciplina ou de controle, porque quem é essa entidade que disciplina? Existe sempre em nós este sentido de dualidade: o «controlador» e o controlado, o «observador» e o observado, o «experienciador» e o experienciado, o «pensador» e o pensamento. Há sempre esta dualidade divisionista em nós. Provavelmente surge a partir da observação que se faz do mundo exterior. Neste há dualidade: luz e sombra, homem e mulher... Provavelmente trouxemos essa dualidade para o campo da psique. Assim, haverá um «controlador» que seja diferente daquilo que é controlado? Examinemos isto com muito cuidado.

Na meditação tradicional os gurus, que a propagam, estão interessados no «controlador» e naquilo que é controlado. Afirmam que temos de controlar os pensamentos porque desse modo faremos parar o pensamento, ou passar a ter apenas um pensamento. Mas nós estamos a investigar quem é o controlador. Pode-se dizer:

«é o eu superior», ou «é o que testemunha», ou «é algo que não é pensamento», mas o «controlador» faz parte do pensamento. Portanto, o «controlador» é aquilo que é controlado. O pensamento divide-se a si próprio como «controlador» e aquilo que vai controlar, mas isso é ainda a actividade do pensamento. É um fenómeno estranho esse do pensamento inventar deuses e depois adorá-los. Isso é auto-adoração.

Quando compreendemos que toda a actividade do «controlador» é aquilo que está a ser controlado, então deixa de haver qualquer controle. Isto é uma coisa perigosa para dizer a pessoas que o não tenham compreendido. Não estamos a defender a ausência total de controle. O que dizemos é que quando se observa que o «controlador» é o controlado, que o «pensador» é aquilo que é pensado, e se permanecermos com essa verdade, com essa realidade, sem qualquer interferência do pensamento, então temos uma espécie de energia totalmente diferente.

Meditação é a soma de toda a energia. Não da energia criada pelo pensamento através do conflito, mas da energia de um estado da mente no qual todo o conflito deixou de existir. A palavra religião talvez signifique juntar toda a nossa energia para que possamos agir correctamente. Uma mente religiosa actua com inteligência, quer dizer, com cuidado, observando. Nessa observação há afeição, amor por todos os seres.

A concentração é outra invenção do pensamento. Na escola somos ensinados a concentrar-nos nos livros. Aprendemos a concentrar-nos, tentando excluir outros pensamentos, fazendo um esforço para não olharmos pela janela. Na concentração há resistência, há um estreitar da enorme energia da vida para um determinado ponto. Enquanto que na atenção, que é uma forma de percepção em que não há qualquer escolha, toda a energia está lá. Quando temos uma tal atenção, não há nenhum centro a partir do qual estamos a prestar atenção; ao passo que

na concentração esse centro existe a partir do qual ela se exerce.

Precisamos também conversar acerca do espaço. O modo como vivemos neste mundo moderno com apartamentos por cima de apartamentos, não temos espaço físico. Não há espaço exterior, e interiormente não temos mesmo espaço nenhum porque os nossos cérebros estão em constante tagarelice. Meditar é compreender ou descobrir o espaço que não é construído pelo pensamento, o espaço que não é espaço do «eu» ou do «não eu». Esse espaço não é espaço inventado, não é uma ideia de espaço, mas sim um espaço real; ou seja, é distância vasta e sem limites, é observação sem barreiras, é movimento perpétuo sem quaisquer obstáculos. É um espaço sem fim, e nele não há tempo; tempo, como pensamento, há muito que parou por termos observado que apesar do pensamento ter o seu próprio espaço, ele não tem esse outro espaço sem limites.

A memória é necessária a um certo nível, mas não a nível psicológico. Quando há essa percepção que limpa o cérebro de qualquer acumulação da memória, então o «eu» que quer conseguir, que quer atingir, o «eu» em conflito cessa porque pusemos a nossa casa em ordem. O cérebro tem o seu próprio ritmo, mas este é distorcido pelas nossas extravagâncias, por o maltratarmos, através das drogas, através das crenças, através da bebida e do tabaco. E, assim, o cérebro perde a sua vitalidade original.

Meditar é sentirmos uma compreensão da vida total, e a partir disso há acção correcta. A meditação é o silêncio absoluto da mente. Não um silêncio relativo ou um silêncio que o pensamento projecta e constrói, mas o silêncio que é ordem, que é liberdade. Apenas nesse puro silêncio total reside a Verdade, aquilo que é eterno.

Isto é meditação.

∞

Libertar-se da Ilusão

DANIELLE AUDOIN

Qualquer encontro teosófico é uma ocasião para clarificar e aprofundar a nossa compreensão do ensinamento. Não se trata tanto de adquirir novos conhecimentos mas, antes, de ponderar sobre aquilo que acreditamos saber e de nos questionarmos se estamos, verdadeiramente, na direcção certa. É tão fácil acomodar-se em certezas que depois se revelam estéreis. Quando a teoria não dá acesso à prática, quando se vê que os nossos conhecimentos teosóficos não conseguem produzir dentro de nós uma transformação profunda, é preciso ousar questioná-los, ainda que seja desconfortável, e até mesmo doloroso. Os ensinamentos, eles próprios, não estarão em causa, mas como os temos interpretado. O que é que aconteceu para não os termos assimilado mais?

Sri Ram dizia que *seja quem for que queira dominar a arte de viver... somente pode descobrir o quanto é difícil* e como é vital interrogar-se *de que natureza é a nossa abordagem e qual é a direcção do verdadeiro progresso*.

Teremos seguido a melhor direcção? Consideramos como adquirido que estamos comprometidos numa busca espiritual. Mas parece que, se o nosso objectivo fosse justo e claro, deveríamos aproximar-nos dele de forma mais fácil e mais rapidamente. Se formos honestos perante nós mesmos, devemos reconhecer que, após anos de estudo e de participação em reuniões teosóficas, “progredimos” muito pouco. Podemos até ter a desagradável sensação de permanecermos mais ou menos a mesma pessoa,

presa aos mesmos problemas psicológicos e relacionais, incapaz de alcançar a serenidade de que fala o ensinamento, de escapar às dores e aos sofrimentos da existência.

No início de qualquer pesquisa existe um descontentamento, um sentimento de limitação mais ou menos confuso. É o germe do desejo de libertação. De facto, falar de libertação pressupõe a existência de um aprisionamento. Mas estaremos nós verdadeiramente conscientes da natureza dessa prisão na qual nos sentimos enclausurados? Saberemos verdadeiramente a que é que queremos escapar? Talvez que até aqui não tenhamos sabido enfrentar esta questão fundamental. Por conseguinte, sem conhecer a natureza do obstáculo, não tomámos as medidas adequadas para fazê-lo desaparecer. Na verdade, não conhecemos a nossa prisão. Não nos interrogamos sobre quem a construiu, nem como foi construída. Acreditamos estar aprisionados, limitados pelas circunstâncias, pelos outros, pelo nosso mau karma, e assim por diante.

Se nos temos na conta de Sábios, de Seres Libertados, estamos totalmente presos às armadilhas da ilusão, e a nossa suposta prisão não tem a solidez que lhe atribuímos. Afinal depende apenas de nós vê-la desabar como um castelo de areia, ou dissipar-se como a bruma matinal. De Shankaracharya a Plotino, de H.P.B. a Krishnamurti, os Instrutores de todos os tempos falaram da busca espiritual como de uma viagem da aparência à Realidade. *Do irreal conduz-me ao Real* – esta frase dos

Upanishads, posta em moldura no livrinho *Aos Pés do Mestre*, indica, num resumo impressionante, a direcção do verdadeiro progresso, que é a libertação da ilusão.

O que é a ilusão? É, segundo o dicionário, um erro dos sentidos que faz ver os acontecimentos diferentes do que são, ou um erro do espírito que faz tomar a aparência pela realidade. Existem ilusões patológicas que são puras alucinações, sem nenhuma relação com algo existente. Mas geralmente a ilusão é uma interpretação errónea de um acontecimento que é uma realidade evidente. Por isso, quando falamos em nos libertarmos da ilusão, é preciso ter cuidado para não cairmos num niilismo que nos levaria a negar toda a realidade do mundo que nos rodeia.

É verdade que, de um certo ponto de vista, do ponto de vista do Absoluto, o mundo fenomenal no seu conjunto é uma ilusão. Segundo H.P.B., não é senão *o reflexo periódico [da realidade única] sobre as profundezas do espaço infinito. Este reflexo, diz ela, que vos parece ser o universo material e objectivo, consideramo-lo como uma ilusão temporária e nada mais. Só o que é eterno é real. (A Chave da Teosofia)*. Isto não quer dizer que o mundo à nossa volta não exista, mas tem apenas uma realidade relativa, a realidade de um reflexo. Não tem nem a consistência, nem a permanência que lhe atribuímos.

Assim, devemos compreender que os fenómenos não são nem completamente ilusórios, nem completamente reais. Do ponto de vista da Verdade Última, são ilusórios. Do ponto de vista da verdade relativa, têm alguma realidade. Se o mundo em que vivemos, e nós próprios, não tivéssemos nenhuma realidade, então para que servia a pesquisa, para que serviam os esforços para nos transformarmos? Um grande Mestre Tibetano disse *considerar o mundo como sendo real é uma atitude ignorante, considerá-lo como vazio é ainda mais imbecil*.

Poder-se-ia dizer o seguinte: visto que todos nós vemos o mesmo mundo material, as mesmas montanhas, as mesmas ribeiras, as mesmas cores, será que isto não significa que este mundo é real? Isto pode bem significar que todos os seres humanos partilham de uma mesma ilusão quanto à consistência da matéria, uma espécie de ilusão colectiva devido à própria natureza do mental humano, esse mental que todos nós temos em comum. De acordo com H.P.B., *a mesma visão limitada existe para todos, excepto para aqueles que, no decurso da presente encarnação, alcançaram o mais alto grau de clarividência e de visão espiritual. (A Chave da Teosofia)*. Somente esses podem ver o que a Ciência descobriu recentemente, a saber, que a matéria não é senão um turbilhão de energia. *Uma vez que tendeis alcançado o conhecimento de Maia, disse também H.P.B., sereis um Adepto. (Ensinamentos dados ao Grupo Interno)*. Existe, portanto, uma ilusão inerente ao mental humano, uma ilusão da qual só o Adepto está livre porque alcançou o estado sobre-humano.

Mas, a esta limitação inevitável cada um de nós acrescenta a sua própria distorção. Os homens despertos, dizia Heraclito, podem entender-se, quaisquer que sejam as suas diferenças: eles têm apenas um mundo. Os homens adormecidos têm cada um o seu mundo, daí as incompreensões, os antagonismos e os conflitos. Nós não vemos o mundo, cada um vê o seu mundo. Os nossos órgãos dos sentidos, incluindo o mental, agem como filtros que obscurecem e deformam a realidade do mundo manifestado. De modo que este nos aparece como um imenso caos. Nele não vemos o reflexo do Absoluto, a beleza, a ordem e a harmonia de um Cosmos. É desta ilusão adicional, que para cada um toma formas diferentes, que nos devemos libertar. Assim, não se trata de sair do mundo do Samsara, mas de vê-lo tal como ele é.

Krishnamurti disse que o acto de ver é a única verdade, acrescentando mesmo que não era necessário procurar a verdade, que nos devíamos somente libertar da ilusão. Quando esta se dissipa, a verdade está ali.

A verdade não é, portanto, uma questão de crenças ou de conceitos, mas de percepção directa, de visão. Para ver, é preciso olhar. Podemos interrogar-nos se olhamos para o mundo que nos rodeia. Estamos a tal ponto encerrados no pequeno e limitado círculo das nossas preocupações pessoais que não vemos para além dele. E, mesmo no interior desse horizonte muito restrito, quando alguma coisa nos desagrada ou nos perturba, fugimos. Refugiamo-nos nas distrações que são a nossa última escapatória – distrações que nem sempre são coisas fúteis: mergulhar em estudos teóricos ou actividades frenéticas pode ser uma forma de distração que nos permite escapar aquilo que não queremos ver. De facto, existem poucas coisas que aceitamos ver. E, mesmo no caso em que acreditamos levar as coisas em consideração, com efeito não olhamos verdadeiramente, comentamos, julgamos, pensamos. A alguém que perguntou a Krishnamurti o que é que ele pensava de uma certa coisa, ele respondeu *Senhor, eu não penso, eu vejo*, e acrescentou *porque pensamos, que nós não vemos*.

O pensamento é um movimento na matéria mental. Assim como o mais pequeno sopro de vento agita a superfície da água e perturba o reflexo da paisagem – do mesmo modo o menor movimento da matéria mental criado pelo pensamento deforma o reflexo da Realidade. E somos o brinquedo da ilusão, nunca vemos as realidades tais como elas são.

Alguém disse que a lucidez é a observação silenciosa e sem escolha daquilo que é. Mas isto só acontece quando o pensamento pára. Observar não é pensar. O mental não pode reflectir a realidade do mundo manifestado senão

quando estiver vazio de qualquer pensamento. Disse um poeta: *Assim como o dia depende da inocência, o mundo inteiro depende dos teus olhos puros* (Paul Eluard). A pureza é a ausência de egoísmo, o esquecimento de si. Quando cessam as preocupações pessoais, as motivações interesseiras, quando o eu é esquecido, o pensamento pára, o olhar é puro, nem que seja só por um instante, e a visão penetrante torna-se possível. É pelo facto de o eu ser tão raramente esquecido, que só muito raramente conhecemos esse estado de encantamento que revela a verdade e a bondade do mundo manifestado na sua essência. As experiências místicas, que são tomadas de consciência da essência das coisas, são sempre acompanhadas de um estado de admiração. *Aquele que não sabe contemplar*, disse Albert Einstein, *que não conhece a vibração profunda da alma maravilhada, esse pode considerar-se morto, já tem os olhos fechados*.

Iremos manter sempre os olhos fechados ou embaciados pela ilusão, perdidos nos caminhos sem saída? Ou vamos realmente tomar a direcção certa, esforçar-nos por purificar o nosso olhar, por desembaraçá-lo progressivamente de todas as ilusões, nas suas formas grosseiras ou mais subtis: ilusão da permanência, ilusão da separatividade, ilusão sobre si mesmo... de todas as formas de ilusões nascidas do pensamento? Muitos véus deverão ser levantados antes mesmo que o olhar esteja purificado de toda a deformação e de toda a limitação. Mas, desde as primeiras etapas deste processo, a vida toma um novo significado, uma nova dimensão.

Qualquer coisa – logo que seja vista tal como é, sem referência ao observador, ao uso que ele possa fazer, aos benefícios que dela possa retirar, às suas preferências e às suas conveniências – revela o seu carácter único e insubstituível. Quando não existe apegos, o movimento da vida é percebido como uma descoberta apaixonante, de momento a

momento. Nascimento e morte, contemplados no silêncio do pensamento, podem ser uma causa idêntica de encantamento diante do mistério deste processo ininterrupto de renovação da vida. E cada forma manifestada torna-se digna de respeito, por mais ínfima, por mais efêmera que seja. Torna-se sagrada.

Gostaria de terminar com duas citações, uma de Sri Ram, outra de Krishnamurti.

A liberdade é como um céu aberto, sem nuvens, através do qual se espalha a luz que ilumina cada forma, de modo que cada forma é vista como realmente é. (Sri Ram)

Sim, nós podemos descobrir a dimensão do sagrado. É uma descoberta que não depende senão de nós. Ninguém nos pode obrigar a isso. Não se trata aqui de moral, mas de uma descoberta estritamente individual, que enche o nosso coração com uma alegria serena – e nunca deixa de colocar o mundo no lugar...Pertence-nos a nós fazer esta descoberta. (Krishnamurti) ∞

(Le Lotus Bleu – Maio de 1997)
in Le Lotus Bleu, Dezembro de 2009

Agora somos os filhos da terra; na eternidade somos filhos de todo o universo. Não sinto eu na minha própria alma que constituo uma parte deste poderoso todo harmónico? Não tenho eu consciência de que nesta enorme, inumerável colecção de seres em que a Divindade – Força Suprema, se se preferir este termo – se manifesta, constituo um elo, um degrau entre as ordens inferiores da criação e as superiores? Se vejo claramente esta estrada que se eleva da planta até ao homem, então porque haveria de supor que ela se detém em mim e não conduz mais acima, cada vez mais alto? Eu sei que, assim como nada é jamais aniquilado no universo, também eu não perecerei, existirei sempre e sempre existi. Eu sei que para além de mim outros seres espirituais existem e que a verdade está neste universo.

Leo Tolstoi, Guerra e Paz

A Dinâmica da Fraternidade

N. SRI RAM

Pode dizer-se sem exagero, que, se existe uma chave para a solução de todos os problemas no relacionamento humano, ela é a simples, mas contudo profunda, verdade da fraternidade universal, que emerge do facto de que todos os seres humanos se originaram das mesmas raízes, e que são essencialmente da mesma natureza, por mais que este facto possa estar velado e eclipsado pelas modificações por que passa esta natureza, apresentando assim diferenças nas características mentais e físicas. Mesmo que todos os sistemas sociais e políticos existentes permaneçam como estão, imperfeitos e nada satisfatórios como são, se for dado um sentido e realização genuínos a esta verdade subjacente, o mundo presenciará uma mudança milagrosa; em vez de ser, como é, um grande caos emergente, quase um inferno para inúmeras pessoas cujo sofrimento não vemos, ele tornar-se-á quase um paraíso.

Toda a palavra que possui um significado bonito tende, com o decurso da utilização, a tornar-se uma coisa gasta e vazia, uma moeda praticamente sem valor. Tornada um convencionalismo, um mero sinal, a indicação de uma ideia, não a realidade, torna-se um oposto que dá jeito, que cobre a nossa falta de sensibilidade e ignorância. Todo o conceito que encerra um valor, que é espiritual num sentido fundamental, isto é, desprovido de qualquer elemento de interesse próprio e de auto-satisfação, é degradado e materializado; vê-se transformado, na prática, em termos que desdizem o seu significado original. Assim a religião torna-se

uma forma vazia, um rótulo de exclusividade e respeitabilidade, além de ser um meio de auto-ilusão e causa de antagonismos. A caridade transforma-se num meio de auto-exibição e de se ganhar consideração e apoio, como também um bálsamo para a consciência.

De modo idêntico, a Fraternidade, mesmo quando considerada como uma doutrina prática e não apenas suportada como uma ideia inócua, é vertida em termos de coexistência que apenas reclama paciência e tolerância para com aqueles com os quais discordamos e de que não gostamos. Meramente existir neste planeta simultaneamente com um outro, sem que um ataque o outro, pode ser uma melhoria no que respeita à lei da selva, mas é o mais pobre dos pobres objectivos do ser humano, dado ser ele constituído como uma fonte de energias que podem florescer em muitas formas diversas de beleza, agindo sobre os outros e produzindo uma diversidade de bençãos e de felicidade para si mesmo e para os demais. Também contém em si energias, talvez a mesma energia fundamental levada a padrões auto-deformantes, que explodem em violência e catástrofe. A Natureza não permite um vácuo no espaço sem que este esteja cercado de pressões. Não existem durante muito tempo paredes de isolamento sem que se gerem ou provoquem forças fora dessas paredes que se organizem para as atacar. A História oferece inúmeros exemplos desta lei. Aí onde existem privilégios, legalmente ou comumente protegidos, baseados em nenhum

princípio justo, existem também forças de inveja e descontentamento; e quando estes privilégios negam oportunidades legítimas ou causam dificuldades aos que deles são excluídos, também criam ressentimento e violência. Assim nascem e se alimentam revoluções, a lei da acção e reacção actuando de forma cega e catastrófica nas relações humanas, bem como psicologicamente, tanto como no campo dos fenómenos naturais.

Os homens são supostos darem-se com os seus iguais em respeito e compreensão mútuos, e aprenderam a cooperar, de formas diversas, para o seu enriquecimento e bem mútuos. Este interesse surge por si quando as circunstâncias não são desfavoráveis, tal como a natural curiosidade de um jovem animal ou a sua ligação à mãe. Infelizmente, as condições modernas não parece serem propícias para estes instintos verdadeiros e profundamente enraizados no homem, que o podem guiar ao longo de um caminho de felicidade para si e para os demais, florescendo nessas graças e virtudes sem as quais a vida tende a tornar-se vulgar, demasiado excitante e desprovida de qualquer significado profundo. A competição agressiva, a luta pelo sucesso e pela construção daquilo que se chama auto-identidade, como se tal já não existisse, a incessante procura de sensação de uma outra forma, tudo isto não só destrói a paz da mente e do coração como também a capacidade e a disposição para a concretização de qualquer daqueles valores que não se encontram no plano das respostas superficiais de cada um.

É um facto infeliz que, à medida que as oportunidades se expandiram com todos os meios de movimentação e de comunicação que a Ciência nos proporcionou, e à medida que novos campos de actividade foram abertos devido a um maior conhecimento científico, as pessoas afastaram-se umas das outras, não só fisicamente, e nos seus interesses, mas também

no plano dos afectos e da compreensão, e nesses sentimentos mais profundos normalmente gerados pelo contacto íntimo. Tal como as estrelas e as galáxias se diz estarem a afastar-se umas das outras num universo em expansão, do mesmo modo no mundo moderno cada homem, perseguindo de forma intensa e febril o seu objectivo particular, afasta-se dos seus companheiros, cada qual movendo-se na sua própria direcção. Na medida em que cobre um terreno maior – não sendo este o caso com o número crescente de especialistas e técnicos que não saem muito para fora dos seus estreitos trilhos – ele perde profundidade de compreensão e profundidade nos relacionamentos. Com toda a variedade de contactos e de interesses que o excitam, ainda que superficialmente, a vida é um assunto muito pouco satisfatório.

Vivemos um período da história mundial em que a mente humana anda à procura, activa, agitada, inquieta. Esta actividade, dirigida e controlada, resulta nos avanços construtivos da Ciência e da tecnologia que emprestam a sua tónica particular a este período, diferenciando-o de outros, mas também traz dificuldades à condição da mente do homem comum que é empurrado, puxado e excitado por uma variedade de forças e acontecimentos. Existe uma maré mista de ideias, criada não só pelos contributos notáveis do conhecimento, como também pelos acontecimentos diários, crónicas, comentadores e livros que tratam de mil e um assuntos diferentes. Estas ideias que penetram na mente do homem mediano de maneira nenhuma ajudam à sua iluminação. Até mesmo as melhores mentes tendem actualmente a viver em segunda mão, satisfeitas com ideias que mais não são que representações, mesmo quando verdadeiras, e não a realidade. As imagens que formamos tornam-se paredes ou tabiques que não deixam que a vida seja vivida em contacto directo com as pessoas e as coisas tal como

elas são. Aquilo que podemos começar por considerar como uma fonte de enriquecimento torna-se uma desvantagem. Um americano não vê um habitante do Vietname como o ser humano que é, mas como a imagem desse homem já impressa na sua mente. A imagem classifica aí os seres humanos em pró-América e pró-*Viet Cong*. De modo idêntico, pessoas de outros países têm as suas próprias imagens. Porque não estamos em contacto com a realidade que é a vida, perdemos a capacidade de compreender a vida seja sob que forma for, e somos capazes dos actos mais atrozes, tudo em nome da imagem, da ideia que perseguimos. A nossa preocupação com o recheio das nossas próprias mentes, bem como com as ideias daí resultantes, torna as nossas vidas irreais, rotineiras, vulgares e nada satisfatórias.

A simpatia por uma pessoa procede da compreensão dos seus sentimentos, das suas necessidades e experiências, e normalmente a simpatia provoca afeição. Mas o ritmo louco em que a vida é vivida por causa das atracções que hoje existem no mundo, tão diferente de épocas passadas, não permite que haja tempo para esse conhecimento. Quando fazemos uma observação superficial ou convencional sobre algum fenómeno significativo ou sobre algum acontecimento importante que afecta as vidas humanas, ou sobre algo belo, e rapidamente passamos para outros assuntos, é óbvio que não fomos tocados por isso. Estamos preocupados com as nossas próprias ideias, fins e objectivos. A mente raramente está liberta deles e, por conseguinte, trata-se de uma mente quase nada aberta. A ideia que formamos de nós mesmos e de todas as coisas geralmente está em parte moldada por reacções que não paramos para examinar e, em parte, deriva de leituras e de vários meios de propaganda. Só raramente entramos em contacto directo com outro ser humano sem esta barreira.

A Fraternidade tem um significado na realidade das coisas que nos passa despercebido quando se torna uma doutrina académica. Significa, no plano psicológico, um interesse positivo e sentimento pelos outros, bem como a compreensão dos mesmos. A partir dessa base, ascendendo a realizações mais profundas e subtis, ela pode tornar-se uma expressão de toda aquela beleza de sentimento veiculada por S. Paulo nas suas Cartas aos Romanos e aos Coríntios. S. Paulo fala da caridade do coração ou, como alguns traduziram, do amor, que é sempre belo. O amor, tal como a afeição, é real quando existe, porque é preciso e claro. É tão real como os vários raios que penetram uma substância sólida ou como uma corrente de electricidade que difunde um campo magnético e despoleta várias reacções físicas.

Por que a Fraternidade se aplica a uma variedade de seres, torna-se ou uma abstracção ou um sentimento enfraquecido pela sua disseminação, algo vago e amorfo a que falta um foco e delineamento precisos. É ineficaz porque se trata de um conceito colocado numa prateleira do nosso pensamento e não uma força que muda a nossa maneira de pensar e o nosso comportamento de forma absolutamente definitiva. Se existe a mesma essência, com as mesmas energias, metaforicamente o mesmo sangue, em diferentes individuos em alguma camada do seu ser, ela pode desenvolver neles a capacidade para se conhecerem como parentes e responderem-se entre si com afeição e beleza. É neste conhecimento e nestas respostas que tem de ser descoberto o verdadeiro significado da Fraternidade. Sendo a Fraternidade um termo abstracto, ela soa como uma condição estática de que se deve apenas tomar nota, embora na realidade consista num intercâmbio natural entre dois seres humanos, em que cada um é uma forma especializada de Vida ou Espírito, o termo Espírito referindo-se a uma

profundidade e âmbito de sentido que terá de ser descoberto por cada qual dentro de si. Quando a Fraternidade é imbuída desse significado torna-se um relacionamento em que o desenvolvimento de cada um se vê enriquecido pelas respostas do outro.

A vida, que começa como uma unidade, presta-se a diferenciações que constroem uma árvore com numerosos ramos e galhos, cada um com as suas características especiais. Cada homem é diferente de outro no seu ser interior, embora este ser pertença à mesma árvore da Vida. Esta diferença, quando correctamente entendida, torna-se um meio de intercâmbio e de enriquecimento para ambos. O professor beneficia tanto como o aluno, o homem tanto como a mulher, no relacionamento que estabelecem entre si. Até mesmo um homem estúpido pode ajudar um amigo inteligente ao dar-lhe oportunidade de penetrar na máscara da sua estupidez e encontrar forma de a solucionar. Onde quer que haja interdependência, seja de que forma for, o tipo de interacção que conduz não só ao serviço das necessidades imediatas de cada parte, como também ao seu bem supremo comum, deve ser considerado acção da Fraternidade.

As possibilidades de enriquecimento mútuo – sem prejuízo do carácter dos tipos especializados – multiplicaram-se enormemente devido aos desenvolvimentos ocorridos neste século. Não resta dúvida que é na unidade que o verdadeiro progresso acontece, mas a natureza dessa unidade deve ser compreendida por forma a incluir o facto do processo de diversificação e de especialização da Vida. É só a partir de diferentes notas na sua pureza, diferentemente espaçadas, que a harmonia é produzida. Se cada uma dessas notas fosse uma entidade consciente, ela não só estaria consciente do valor das outras notas, bem como partilharia da harmonia produzida em colaboração com elas. Nenhuma

quereria ser mais proeminente do que é. Uma nota particular pode ser soada apenas para fazer ressaltar o significado de outra. Ficará contente com o seu próprio lugar e contribuição para a beleza e eficácia do conjunto, não desejando que o conjunto rode à sua volta, dando-lhe a tónica ou função dominante.

É desta forma, a cada passo, em associação com membros de cada grupo natural que nos possa incluir, que começamos a perceber como a vida deve ser vivida, o que realmente significa cooperar com os outros, qual é o *dharma* de cada um em relação com eles, o que a Fraternidade significa em acção e prática. Todo o auxílio e serviço que possamos prestar aos outros para suprir uma necessidade ou promover um empreendimento benéfico faz parte desse *dharma*, que é o caminho do nosso progresso em frente, fora do campo das limitações e sombras, para o reino da unidade e da luz; é também uma expressão dessa Fraternidade que é a verdadeira relação entre os seres, seja ela reconhecida ou não. Diz-se que quando finalmente se entra nesse reino de luz e o ser mais interno se funde na essência que o constitui, toda a Natureza canta um hino de alegria, porque a Natureza, ou melhor, as suas camadas mais profundas, são um tampo harmónico para cada frémio, quer de alegria quer de dor, sentido por qualquer um dos seus filhos. É a unidade que subjaz a toda a diversidade que nos faz participantes da parte e destino uns dos outros. Cada um actua inevitavelmente sobre os outros de formas que aumentam ou diminuem as suas próprias alegrias e sofrimentos, dependendo se a sua acção segue as leis da unidade que constituem o bem e o belo, ou as formas de separatividade sempre causadoras de distorção e de conflito. ∞

in The Theosophist, Dezembro de 2009

A Natureza do Silêncio

SURENDRA NARAYAN

Nos ensinamentos dos Grandes Seres, a ênfase é posta sobre a necessidade de silêncio nos diferentes níveis de consciência. Relativamente à palavra, um instrutor disse: o silêncio é o controlo da palavra. Aquela jóia teosófica, *Aos Pés do Mestre*, também nos aconselha:

É bom falar pouco, melhor ainda nada dizer, a menos que estejamos certos de que o que se quer dizer é verdadeiro, amável e útil. Depois acrescenta:

Um enunciado das qualidades requeridas é assim apresentado: saber, ousar, querer, calar; e a última destas qualidades é a mais difícil.

Podemos recordar aqui aquele incidente bem conhecido da vida de Buda quando, enquanto pronunciava um discurso, uma pessoa, de repente, se pôs a insultá-lo com palavras abomináveis, mas Buda ficando calmo, e sem estar afectado por aquela torrente de injúrias, no final perguntou-lhe simplesmente: “Amigo, o que é que acontece a um presente que não é aceite pela pessoa a quem é dado?” *A Luz da Ásia*, do Sr. Edwin Arnold lembra-nos:

*Vigiai os vossos lábios
Como se fossem as portas
de um palácio habitado por um Rei.
Que todas as vossas palavras sejam calmas,
francas e corteses
Como se Sua Majestade estivesse presente*

Outro nível de consciência relaciona-se com os nossos pensamentos e os nossos sentimentos. O silêncio dos nossos pensamentos e dos nossos sentimentos inclui o facto de não se

ficar irritado nem perturbado por aquilo que nos chega do exterior. Que pode ser uma censura, ou o sentimento de não se ter sido suficientemente apreciado ou louvado, ou por se ser ignorado, por não se ter sido convidado a falar numa reunião. Pode mesmo ser o facto de não se ser festejado pelo aniversário de nascimento ou de casamento. O amor-próprio e a teimosia tornam-se grandes obstáculos para o desenvolvimento e conservação do silêncio dos nossos pensamentos e dos nossos sentimentos. Na sua mensagem à secção Americana em 1889, Madame Blavatsky advertiu:

São numerosos os membros activos da Sociedade Teosófica que desejam trabalhar e que trabalham firmemente. Mas eles exigem, como prémio da sua ajuda, que todo o trabalho seja feito conforme as suas ideias e não segundo as de outrem. Se não acedermos às suas exigências, afundam-se na apatia ou retiram-se inteiramente da Sociedade, proclamando bem alto que só eles são os verdadeiros teósofos.

Algumas vezes, mesmo nas publicidades humorísticas da televisão, passa uma mensagem séria, como aquela na qual os passageiros se empurram para encontrar um lugar num autocarro abarrotado, um homem grita para outro: “Porque é que me deu um soco?” Responde o outro “ Não lhe dei um soco, mas, mesmo que lhe tivesse dado, porque é que o apanhou?” Infelizmente, nós apanhamos e, imediatamente e com pressa, acumulamos tantos “golpes” no nosso cérebro que continuamos a estar de mau humor e a sofrer.

Como um instrutor uma vez observou, a função do cérebro é a de registrar, mas é assim para o vosso cérebro como o é para o vosso gravador: paraí a gravação quando alguém vos lisonjeia ou vos critica com palavras cáusticas e pouco amáveis. Com o tempo isso irá trazer felicidade à vossa vida!

O silêncio, ou um dos seus aspectos chamado calma, vem também pela compreensão das Leis da Natureza. Essas Leis são imutáveis e imparciais, e, conseqüentemente, a justiça, uma justiça absoluta, prevalece na aplicação dessas Leis. Somos tentados a citar aqui uma passagem inspiradora de Annie Besant:

Ele sabe que tudo o que lhe acontece na vida é o que ele próprio criou no passado. E assim a sua atitude é uma ausência de ressentimento... fica encorajado ao lembrar-se que a dívida uma vez paga está paga para sempre... Qualquer dívida que é satisfeita é riscada da lista da vida para sempre. E é assim que está à vontade no meio do sofrimento, porque o homem interno se satisfaz com a Lei.

Podemos dizer que na essência, o silêncio é perturbado quando temos tendência em nos identificarmos com os nossos veículos – os corpos físico, astral e mental, e os seus desejos incontroláveis. Daí nasce uma distinção entre “eu” e “vós”, a minha vontade e a vossa, as minhas simpatias e antipatias e as vossas, e, depois, os meus interesses, a minha felicidade, as minhas exigências e os meus desejos. Como foi dito por Buda, para aquele que se agarra, o movimento existe, para aquele que não se prende, não existe movimento. Os ensinamentos vão mais longe e acrescentam que até mesmo o sentimento ou a emoção mais subtil, como a inclinação para o que quer que seja, é um estremecimento de sede, sede talvez sob a forma mais nobre. E, quanto à questão o que resta quando é retirado tudo o que é da natureza do apego, a resposta é *fica a bondade, a pura bondade*. A bondade é o amor purificado pela visão penetrante das escórias do desejo e do apego.

O silêncio supremo nasce quando começamos a compreender o nosso puro Eu, “o espírito no nosso coração” e experimentamos viver nele. Este Eu é a nossa verdadeira natureza, unitiva e sempre harmoniosa. Uma tal compreensão vem através do discernimento entre o real e o irreal, o permanente e o transitório, o durável e o mutável, o Eu e o “não-eu”. A vigilância e a total consciência acentuaram-se como guias. Olhar sabiamente para as coisas e para os acontecimentos é uma outra forma de exprimir o mesmo ensinamento.

J. Krishnamurti exorta:

Deveis estar intensamente conscientes, conscientes das vossas palavras, conscientes do vosso snobismo, conscientes dos vossos medos, das vossas ansiedades, do vosso sentimento de culpa. E ao morrerdes para tudo isso, então dessa morte virá a beleza do silêncio.

Mais adiante, elucida o impacto do silêncio sobre as nossas vidas quotidianas e acrescenta:

À luz desse silêncio, todas as acções podem ter lugar, na vida quotidiana... e questionamos, será possível agir neste mundo com esse imenso sentimento de silêncio?... Quando se coloca esta questão, separamos o silêncio da acção. Por isso é uma pergunta perigosa... Sabem, é como um tambor que está perfeitamente afinado, se lhe baterdes ele dará a nota correspondente, mas está sempre no vácuo, silencioso!

É este o estado de pura atenção, supremamente silencioso e, no entanto, vibrando com uma ressonância sagrada.

Aquele que se harmonizou através da yoga, cujo eu está purificado, cujos sentidos estão dominados, cujo eu se tornou o eu de todos os seres, esse não é afectado mesmo quando ele age. (Bhagavad Gita, V.7).

∞

(in The Theosophist, Novembro de 2001)
in Le Lotus Bleu, Agosto-Setembro de 2009

O Caminho da Verdade

PHAN-CHON-TÔN

Apresento-vos alguns pensamentos que me foram inspirados pela divisa da Sociedade Teosófica: “Satyan Nasti Paro Dharma” [“Nenhuma Religião é superior à Verdade”].

A VERDADE está, por conseguinte, muito solidamente colocada como fundamento dessa obra grandiosa – a que foi empreendida pelos Fundadores da Sociedade Teosófica. Nós sabemos, porque no-lo foi dito bastantes vezes, que no último quarto de cada século, a Grande Hierarquia Branca, o Governo Interno do Mundo, faz um novo esforço para preparar a vinda do século seguinte, tentando incutir na mentalidade da humanidade do século que finda a nota directriz do século vindouro. Isto com o sentido de tentar assegurar uma marcha normal na evolução da humanidade, uma entrada normal nas sucessivas etapas do seu desenvolvimento. A etapa que se abre na nossa frente parece, pois, estar marcada pela Verdade.

A humanidade conheceu outras épocas onde a tónica esteve posta em um ou outro aspecto da busca espiritual, no conhecimento, no símbolo, na fé... Mas hoje nenhum desses sistemas particulares predomina sobre os outros, todos são estimulados e aprofundados. Hoje, é o próprio centro de toda a esfera espiritual, o próprio objectivo da busca espiritual, que é levado para a frente: a Verdade. Verdade inteiramente pura, completamente despida, sem nenhuma roupagem misteriosa, sábia ou fascinante. “Nenhuma Religião é superior à Verdade”. Esta é a fórmula mágica que abre a

porta da nova Era. O desenvolvimento de todos os sistemas anteriores, desde a Índia, Egipto, China, até ao Budismo, ao Cristianismo e ao Islão, levou a um entrelaçamento inextricável que encerra o indivíduo humano de forma inexorável e podemos dizer que, na maioria dos casos, em lugar de conduzirem o homem para a liberdade, todos esses sistemas religiosos amarram o homem, fazem dele um escravo, um adorador, um fiel. Por essa razão, a nova palavra de ordem deve ser para cada um de nós a destruição dessa cerca, abrir a fenda na muralha e ter acesso à Verdade por meio da liberdade.

Em lugar de decretar dogmas ou de constituir um corpo para veicular os segredos superiores, a nova Teosofia explica as coisas, revela os segredos reveláveis, e, no todo, pede um estudo inteligente e ponderado. Um canto do véu foi levantado, diz-se, mas agora, em vez de ser levantado para um pequeno número, é-o para todos. Também nada de indiscrição. As Leis Ocultas são rigorosas porque são reais: “Somente aqueles que têm os olhos abertos podem ver.” E uma vez os “segredos” revelados, conhecidos pela maioria dos homens, damos conta de que sempre estiveram expostos aos olhos do público, mas que este público permaneceu cego porque procurava a verdade algures, uma verdade que ele julgava estar bem escondida, até mesmo inacessível.

Quando o investigador abre um pouco os olhos, fica admirado por ver o número de coisas, que lhe foram sempre declaradas como extremamente secretas, expostas à luz do dia e,

isso, desde há séculos. Mas os seus olhos estiveram sempre velados, ou desviados, e nunca viram a realidade das coisas.

Se nos voltarmos para o lado material da pesquisa, damos-nos conta de que aí, igualmente, se iniciou algo de novo. Até ao presente, a ciência seguiu um sistema após outro. Demoliu um a um todos os princípios enunciados segundo as experiências e considerados invioláveis. Por exemplo, o princípio de conservação da matéria “nada se perde, nada se cria”, que foi destruído com a descoberta da radioactividade e pela famosa fórmula de Einstein.

Aqui também o sábio ao fazer uma descoberta apercebe-se de que o princípio que descobriu sempre estivera operante, sem que os seus olhos, turvados pelas teorias convergentes, o tivessem detectado.

E a ciência, no seu impulso de descoberta, lança em cada dia uma revelação à cabeça da humanidade, que fica atordoada com tudo isso. A humanidade encontra-se bruscamente confrontada com um número incalculável e insuspeito de “descobertas” que ainda não sabe como utilizar. No seu prazer da descoberta e no seu tacteamento pueril, a ciência brinca com as energias postas à sua disposição e mal se dá conta dos perigos em que incorre.

Se regressarmos ao domínio do invisível, produz-se o mesmo fenómeno. Para fazer tocar o despertador no séc. XIX, Madame Blavatsky, em conjunto com o Coronel Olcott, colocaram a ênfase nos fenómenos sobrenaturais. Despertaram tão bem no homem aquela atracção pelo maravilhoso, e, sobretudo, de tal modo tornaram a colocar ao alcance do homem essas possibilidades, essas ciências, essas práticas esquecidas, que o homem da actualidade, ao encontrar-se bruscamente diante de uma revelação cuja amplitude o assombrou, não sabe onde mergulhar. Ainda aqui, a atracção pelo prazer, pelo agradável o arrebatada; e é essa a

razão por que vê aparecer toda aquela floração de mestres, de magos e toda essa “plêiade” de ciências esquecidas e ignoradas pela ciência oficial.

O que é a Verdade? O Dicionário Larousse definiu-a muito bem nesta espécie de prestidigitação. Quando o abrimos na palavra Verdade, lemos: “qualidade do que é verdadeiro”. E quando nos reportamos à palavra verdadeiro está escrito “conforme a verdade”. Existe algo de... verdadeiro, nesse reenvio de um para o outro lado. Sim, a Verdade, em verdade, não se define e não pode definir-se por palavras. A Verdade não se aprende, não se lê, não se diz, não se ensina. Lembremo-nos daquela frase do Senhor Buda: “Aquele que interroga engana-se, aquele que responde engana-se. Não digas nada.” É um conselho de valor inestimável, um conselho cuja sabedoria e autenticidade apreciamos, e que não seguimos de modo nenhum. Com efeito, não se desperdiça tanto tempo, tanta energia, tanto dinheiro, para dar conferências atrás de conferências, palestras e mais palestras, discursos, simpósios, debates e, por acréscimo, para publicar todos os livros e todas as revistas. No fundo, todos os que falam e escrevem, sabem bem, com a maior sinceridade, que sabem apenas pouca coisa, e tomam sempre a precaução de dizer que, simplesmente, não é necessário agarrarem-se às suas palavras, que a Verdade está muito para além de tudo o que possam dizer. Esta é uma verdade muito difícil de ser compreendida pela maioria.

Com efeito, o que quer que se possa dizer, por maior que possa ser quem se expressa, o que diz nunca será a Verdade, mas uma expressão pessoal do que ele retirou da luz da Verdade. “Tu entrarás na Luz, mas nunca tocarás a chama.” Somente uma pequena parcela de luz é que pode ser percebida, ao mesmo tempo, e somente uma parcela ainda mais pequena é que poderá ser transmitida pela palavra.

E, no entanto, algumas pessoas, mesmo aquelas que passam ao nosso lado no dia a dia, seres que, por isso, não estão, de modo nenhum colocados num pedestal pela opinião pública, podem revelar-nos algo de maravilhoso e, no seu contacto, naturalmente, dão a impressão de algo de verdadeiro. É isso que é maravilhoso. Frente a determinadas pessoas, estamos certos de que a verdade existe, que há alguma coisa de verdadeiro, e o que é ainda mais maravilhoso, é que tais pessoas, com a sua presença, não só nos provam que essa verdade é acessível, mas ainda e sobretudo nos aproximam, nem que seja por um momento, da realidade. Tais seres podem escrever livros ou dar conferências, mas não é tanto os seus argumentos que nos provam a verdade, nem o que dizem, é a sua condição de ser, são eles próprios que nos certificam que é verdadeiro. É aí que reside a característica essencial da verdade. A Verdade é inseparável da vida; e é somente pela vida, na vida, que a verdade brilha.

O que é que eles fizeram, perguntamos nós, para serem, assim, a própria expressão da verdade? É esta a pergunta fundamental de qualquer investigador da verdade. Que caminho seguiram?

Posso responder imediatamente: o caminho da verdade. Eles são expressões da verdade, muito simplesmente porque são sempre verdadeiros. Isto é uma verdade muito simples, totalmente desnudada; talvez demasiado simples para o nosso mental complicado, talvez demasiado nua para nós que damos muita importância às formas. E, não obstante, o primeiro pensamento que nos vem, quando em presença de um ser verdadeiro, é que é verdadeiro. Nada mais. E um impulso quase irresistível brota do mais profundo do nosso ser, abre-nos, e nós somos efectivamente verdadeiros, sem nenhuma auréola, sem nenhuma tomada de posição, sem nenhum atributo supérfluo. Mas logo que

saímos da influência desse ser, reencontramos a nossa complexidade e, com ela, a dificuldade em compreender o que é verdadeiro.

Em nome da nossa personalidade, temos sempre a tendência de nos defendermos, de afirmar os nossos direitos perante os outros, contra os outros, e é essa autodefesa que nos leva a erijirmos um muro de separatividade e a vivermos de aparências que não são a nossa natureza real. Fazemos isto a cada momento da nossa vida. Qual de nós, com efeito, confessa espontaneamente a sua ignorância sobre um ponto ou outro; mesmo encostado à parede, inventa-se uma resposta evasiva: “esqueci-me” ou “não tenho tempo” ou “já não me lembro”. Ou então refugiamo-nos atrás de um sorriso silencioso que, ao dissimular totalmente a nossa ignorância, dá a ilusão do nosso saber. E fazemos isto a cada instante. Agimos, falamos, pensamos, vivemos no fictício, e com estes modos, estas atitudes falsas, que cobrimos com um véu de falso saber, temos a pretensão de procurar a Verdade. Não, não é possível ver a Verdade se metermos sempre debaixo dos olhos um par de óculos de uma cor ou de outra. A Verdade não pode revelar-se àqueles que a procuram por meio da falsidade. Ora, é tudo isso que nós fazemos. É um hábito herdado do passado, adquirido quando tínhamos de lutar para evoluir, quando tínhamos de desenvolver a nossa personalidade. Mas, então, desde que nos voltámos para a Verdade, é preciso abandonar todos esses hábitos. “Não existe compromisso”, lê-se em *Aos Pés do Mestre*.

Esta autodefesa é o resultado do medo. E o medo é a consequência da ignorância, da ignorância das leis que governam o Universo e a sua Evolução. Para não ter mais esta atitude de autodefesa é necessário que desapareça o medo. E o medo desaparecerá naturalmente quando a ignorância se dissipar.

Foi com este objectivo que foi levantada

a ponta do véu. Foi com este objectivo que os Fundadores da Sociedade Teosófica voltaram a colocar em livre circulação todas essas leis que constituem a base da sabedoria de todos os tempos. Foi com esse objectivo que tiveram a bondade de nos revelar a construção e o progresso do universo. Mas, como todos os homens, tiveram de utilizar a linguagem humana, e além disso tiveram que encontrar uma maneira compreensível de apresentar as coisas aos homens da época em que iniciaram o trabalho. Daqui resulta o carácter rígido e parcial de algumas apresentações da Teosofia, daquilo que actualmente muitos teósofos se comprazem em designar “a antiga” apresentação da Teosofia. Foi também com este objectivo que Madame Blavatsky consentiu em produzir certos fenómenos. Se o fez, foi muito menos para produzir fenómenos, foi muito menos para erigir um sistema, foi muito menos para fazer o novo, do que para demonstrar com exemplos e provas que o Universo, e, em consequência, o homem, são regidos por Leis imutáveis, e que, quando se obedece a essas leis, a evolução acontece. Se os nossos antecessores falaram, escreveram tanto, não foi tanto para que os membros da Sociedade Teosófica se glorificassem por terem

lido este ou aquele livro, se envaidecessem por saberem muito de Teosofia ou se precipitassem nas práticas cerimoniais ou psíquicas, mas para aqueles que, tomando consciência dessas leis, pudessem orientar a sua vida no sentido da evolução, para aqueles, cujos olhos estivessem abertos para estes ensinamentos, experimentassem pô-los em prática nas suas vidas, mais ainda, para que a sua vida fosse a expressão das leis naturais.

É este o caminho que foi iniciado pela Sociedade Teosófica; aqui está, na minha opinião, a nota da Era que se abre: “Viver verdadeiramente o que se aprendeu”. Sem necessidade de sistemas, de rituais, de códigos, de religiões. Mas uma vida totalmente impregnada pela expressão das leis naturais; uma vida muito simples e pura; uma vida natural sem medo, sem autodefesa, uma vida espontânea, uma vida livre. É somente com esta liberdade que se pode esperar alcançar a luz da Verdade.

Cada Homem é para si mesmo o Caminho, a Verdade, a Vida. (A Luz no Caminho) ∞

(in Le Lotus Bleu, Novembro-Dezembro de 1960)
in Le Lotus Bleu, Novembro de 2009

A Verdade é a mesma em toda a parte, mas há mil maneiras diferentes de a expressar. E todavia, o todo nunca é perfeitamente expresso. As várias religiões são métodos que os homens seguem no caminho para Deus e justificam-se pelos estados diferentes de civilização em que as sociedades se encontram. Muita gente há no mundo que não aceita cegamente, sem as compreender, quaisquer doutrinas; para muitos uma afirmação não tem valor real senão depois de comparada com outros factos e como parte de um esquema mais ou menos compreensível. São essas pessoas as que precisamente apreciam o tesouro que Deus nos deu ao qual chamamos razão. A Teosofia mostra-lhes que a crença tem um significado verdadeiro, que o esplendor, a beleza e a poesia do pensamento religioso existem e não são meros sonhos agradáveis, mas verdades da natureza que podem por eles ser investigadas.

C. W. Leadbeater

A Fraternidade como uma Via para a Consciência Desperta

TRÂN-THI-KIM-DIÊU

Mais do que uma vez me foi dito que as pessoas que não pertencem à Sociedade Teosófica são bem mais fraternas do que aquelas que são membros da ST. Confesso que, de ambas as vezes, senti alívio. De facto, tendo a ST menos de trinta mil membros e, se se assumir que esses membros são mais ou menos fraternos, isto contra seis biliões de humanos, não podemos deixar de ficar muito felizes com a observação e esperar que seja mesmo assim. E há verdade nisto.

O núcleo de fraternidade a ser formado de acordo com o primeiro objectivo da Sociedade Teosófica *está na realidade em formação*. Estar em vias de formação significa que *não está ainda totalmente formado...*

Quando os objectivos da Sociedade foram estabelecidos, há mais de 130 anos, o primeiro objectivo consistia em *‘formar um núcleo de fraternidade sem distinção de raça, credo, sexo, casta ou cor’*. Houve uma altura, pelo menos em algumas Secções, em que só o primeiro objectivo era exigido como condição que o candidato teria de aceitar. É perfeitamente óbvio que o primeiro objectivo seja o mais importante. De facto, imaginemos o segundo objectivo parcialmente realizado, produzindo eruditos ‘medianos’; se o primeiro objectivo não for aplicado, esses ditos eruditos iniciarão lutas entre si apenas para promover o seu próprio ponto de vista. Isto aplica-se igualmente a pessoas não cultas. E imaginemos igualmente o terceiro objectivo só parcialmente explorado e fazendo as delícias de todo o tipo de gurus baratos e

de guias mediúnicos de baixa condição que continuam a enfeitiçar tantas mentes confusas.

Um membro da ST em particular ou qualquer outro ser humano em geral, que tenha atingido um certo nível de cultura e de compreensão, só poderá ver a fraternidade como uma necessidade. Na verdade ela representa o objectivo principal da trilogia de objectivos da Sociedade. É a condição para:

- em primeiro lugar, viver em paz com o meio circundante e com o próprio,
- em segundo lugar, descobrir algo mais amplo e mais profundo no campo da consciência, e
- em terceiro lugar, experienciar a verdade.

Consideremos estes três pontos. Em primeiro lugar, a fraternidade é uma necessidade para se viver em paz com o meio circundante. Não podemos manter a separação entre amigos e inimigos. Temos de chegar a um ponto na mente em que esta distinção desapareça. Então quem é que está à minha frente, à vossa frente, se não são amigos nem inimigos? Apenas seres humanos a lutarem, a maior parte das vezes, pela sua sobrevivência, seres humanos muitas vezes apegados às suas posses, a esse pequeno pedaço a que chamam reconhecimento ou prestígio. Esses seres humanos sentem-se principal e inconscientemente ameaçados pelo pós-morte e semi-conscientemente amedrontados pela morte. A morte é o terminal do comboio desta vida em que vós e eu viajamos e onde partilhámos a mesma sorte. Durante a viagem a caminho do terminal, os viajantes muitas

vezes zangam-se por questões ínfimas. Quando se agrupam em famílias, clãs, tribos, etc., as zangas transformam-se em guerras.

Podem observar-se muitos fenómenos como efeitos secundários da guerra. Por vezes os clãs acalmam-se, mas algumas facções, por causa de interesses pessoais, mantêm o clima de tensão de forma a dominarem a situação ou, pelo menos, a não perderem influência. Todos sabemos que, pelo mundo fora, algumas pessoas 'especiais' lucram sempre com a guerra. Mas o comboio continua a correr inexoravelmente em direcção ao seu terminal. As famílias, os clãs, as facções, acabarão por ser arrastadas. Alguns dirão, "Não importa! Consegui aquilo que queria" e, ao agirem, esquecem as consequências. Outros, de certo modo mais conscientes do facto de o comboio levar todos até ao final, não iniciarão um conflito. O risco continua para além desta vida. A próxima questão é como evitar o conflito.

O conflito tem início na nossa consciência antes de se exteriorizar. Isto implica que, para se estar em paz com o meio circundante, temos de estar em paz connosco próprios. Nenhum conflito, nenhuma atormentação, nenhuma auto-tortura... A paz interior não pode de forma alguma ser conseguida sem uma vida limpa e um coração puro, bem como sem alguma compreensão que acabará por levar, na altura própria, ao *insight*. Não há outro caminho a seguir. Penso que, embora não consigamos compreender isto totalmente, disto possamos ter alguma percepção.

Em segundo lugar, para se descobrir algo mais amplo e mais profundo no campo da consciência a fraternidade é uma necessidade. É justamente por isso que a descoberta de algo mais amplo e mais profundo exige um campo unificado dentro da consciência, um estado em que nem sempre haja dicotomia entre um e o outro, entre isto e aquilo. Qualquer descoberta

importante e de ordem essencial requer este estado unificado de consciência em que a mente dualista é transcendida num todo indiviso. Este estado é denominado 'consciência desperta' ou 'inteligência em acção'. A consciência desperta somente poderá habitar numa mente serena. Por conseguinte, uma mente agitada vive num estado não inteligente. A descoberta de níveis mais profundos de consciência leva à inteligência ou ao *insight* capazes de oferecer indicações sobre a natureza da Verdade.

Em terceiro lugar, a fraternidade é uma necessidade para se experienciar a Verdade. A Verdade é o objecto da pesquisa dos ocultistas. É a Realidade para os cientistas e o Supremo para os místicos, o objectivo último de todo o inquiridor genuíno. Para se investigarem as leis inexplicadas da Natureza e os poderes latentes no homem, tal como é afirmado no terceiro objectivo, a fraternidade tem, até certo ponto, de ser concretizada, bem como feito algum estudo aprofundado. Abordar-se a Verdade não significa explicá-la. Como é que se explica e veicula a Verdade se, 'enquanto tal', ela é vazia? Qualquer tentativa para a explicar ou definir iria circunscrevê-la e provocar mais confusão...! Contudo, é inegável que experienciar a Verdade pertence à vivência individual; todo o processo ocorre dentro da consciência do indivíduo. Portanto a experiência da Verdade é necessariamente subjectiva. Mas, a subjectividade desta experiência não pode ser assemelhada a nenhuma experiência de realidade virtual, na qual está envolvida grande parte da imaginação que a cria. A experiência da Realidade ou Verdade, apesar da sua subjectividade, é uma experiência real vivida pela consciência individual dentro da consciência unificada, sem intervenção da imaginação.

Assim, a fraternidade vista a partir do ângulo da actividade é uma necessidade. Vista do ângulo do intelecto é um estado de

relacionamento natural onde ainda existe a distinção entre ‘tu’ e ‘eu’. No entanto, o relacionamento não se deixa ensombrar, quer pelo fardo de hierarquias, quer pela obscuridade da inveja ou ainda por alguma confusão de funções. A fraternidade representa uma mente onde não existe ambição para o próprio e nenhuma expectativa em relação aos outros. Este estado natural faz lembrar o estado de inocência descrito pelo filósofo Taoista Tchuang-Tzu que escreveu sobre o tempo *‘quando a vida era plena não havia história’*.

No tempo em que a vida na terra era plena ninguém prestava especial atenção aos homens com valor, nem fazia sobressair o homem com mais capacidades. Os governantes eram simplesmente os ramos mais altos da árvore, e os homens eram como veados nos bosques. Eram honestos e rectos sem que se apercebessem de que ‘estavam a cumprir o seu dever’. Amavam-se entre si e não sabiam que isto era ‘amor ao próximo’. Não enganavam ninguém, contudo não sabiam que eram ‘pessoas em quem se podia confiar’. Eram de confiança e não sabiam que isto era ‘boa fé’. Viviam juntos livremente dando e recebendo e não sabiam que eram generosos. Esta a razão por que as suas acções não foram narradas. Não fizeram história. ⁽¹⁾

Infelizmente, a história passou a ser escrita desde então. Onde se encontra agora a frescura da inocência? A honra perdeu-se. O que se pode fazer? Tentar formar um núcleo de fraternidade! É o que estamos a tentar fazer, não é?

É evidente que quando a vida ‘era plena’ (significando que não havia divisão) e se desenrolava sem ego (o que significa, de acordo com o Tao, a Via do Céu ou o Divino), não havia necessidade de se levantar a questão da virtude. Quando se perde o Tao aparece a virtude. De igual modo, quando a inocência é perdida, surge a fraternidade; quando a fraternidade se perde surge a noção de justiça, lealdade, etc. A

fraternidade origina-se deste estado de inocência em que o amor ainda não caiu na corrupção de ser nomeado, mas que surge espontaneamente nos cuidados e no serviço. Se o serviço fosse entendido não como estando ao serviço do egoísmo da humanidade, a fraternidade não seria vivida como um privilégio recebido e conferido a uma população limitada, um clã, uma família, uma etnia, etc.

Se a fraternidade for o caminho para a consciência desperta, este caminho deverá precisamente traçar a via de regresso a esta inocência original em que não existe luta interior capaz de produzir conflito exterior. Este estado de inocência exalta a ética universal que não é, em definitivo, nem moralidade nem assunto a ser codificado.

Então, sendo mais do que uma necessidade para a paz de espírito, para uma consciência mais abarcante e para experienciar a Verdade, e mais do que o primogénito natural nascido da inocência, a fraternidade representa a dinâmica do relacionamento. Exploreemos um pouco mais esta observação.

Todos estamos de acordo com o facto de a vida ser uma rede de relacionamentos. Estar relacionado implica geralmente estar-se envolvido nalguma forma de parentesco, de amizade ou de conhecimento pessoal. Mas que tipo de relacionamento se tem com o homem da rua? Ele e eu partilhamos a mesma humanidade. Ambos viajamos, como anteriormente se disse, no mesmo comboio em direcção ao fim, a morte. Todos partilhamos o destino colectivo de todas as criaturas, o que inclui a raça humana. Parentes e amigos têm mais pormenores a partilhar como as suas profissões, crenças e talvez mesmo as suas idiossincrasias. Mas é tudo? Tem de se acrescentar um factor especial, a solidariedade, a solidariedade de ser humano. A solidariedade tem um significado muito mais profundo do que simplesmente dar de comer

aos pobres e/ou auxiliar pessoas necessitadas. A solidariedade implica respeitar a dignidade dos outros e, ao fazê-lo, respeitar a sua própria dignidade e vice-versa.

E ainda mais do que isso. Quando encontramos alguém, o que predomina na mente de cada um? Encontramo-lo com uma mente preconceituosa? Trata-se de um amigo? Sim, absolutamente, ele pagou as minhas despesas. Não está do meu 'lado'? Certamente que não, pois nunca deixou de tagarelar sobre mim. É um idiota; magoou-me, etc. Krishnamurti salienta que, a maior parte das vezes, na realidade não vamos realmente ao encontro do outro. O dito encontro não é mais do que uma justaposição de imagens, de realidades virtuais, dos respectivos egos, por vezes chocando-se entre si, por vezes elogiando-se mutuamente, para se contornarem dificuldades ou para se conseguirem recompensas, de acordo com a esperança ou expectativa de cada um. Será que existe algo de genuíno no relacionamento ou apenas queremos uma aproximação? A fraternidade não pode ser vivida sem uma consciência desperta – a consciência desperta de ser genuíno para consigo próprio, de ser recto, honesto para consigo mesmo e para com os outros. Esta integridade pode ser sentida a par do movimento de motivações escondidas que estão sob controlo e bem visíveis. A integridade deve ser vivida pelo próprio, por si mesma, e não por qualquer reputação ou recompensa moral/material, porque a vida cumprida na sua completude e expressão última é incorruptível.

Então, a fraternidade é uma via para a consciência desperta? Ou antes, não será a consciência desperta uma via para a fraternidade e para outros estados de consciência? A consciência desperta parece ser a base das virtudes. Porque não somos fraternos? Não será porque todo o género de motivações mascaram a visão interior de modo que somente o

propósito imediato é identificado no âmbito da consciência? Quantas vezes não conseguimos estar conscientes do nosso próprio estado de consciência?

A fronteira entre a capacidade na acção, como yoga, e a hipocrisia, é muito ténue, tão ténue como a fronteira entre a esperteza não inteligente e a loucura. Sem consciência desperta e sem integridade, essas fronteiras poderão ser ignoradas inconscientemente ou conscientemente.

No seu discurso em Ommen, na Holanda, antes da bem conhecida *A Verdade é uma Terra sem Caminhos*, Krishnamurti exortou a audiência:

[...] *Falo daquele eu de que todas as coisas dependem e do qual todas as transformações surgem. Esse eu está em toda a gente e digo que, se quiserdes essa glória, essa força, que é Libertação, que é Verdade, deveis olhar para esse eu e pôr tudo o resto de lado* [...] ⁽²⁾

Olhar para esse eu e pôr tudo o resto de lado leva a que se tenha uma visão real da situação, das pessoas e de si próprio – é o todo. Para se ser mais preciso, dever-se-ia dizer que a visão do todo, do eu, leva à percepção das situações, das pessoas e do relacionamento. Esta percepção dá vida ao relacionamento, bem como um sabor de frescura e de inocência. Do lado interno das coisas significa que a pessoa está a morrer para si própria pois nenhum eu pode sobreviver quando a consciência desperta está em acção.

E Krishnamurti prosseguiu:

Para que serve uma multidão de pessoas sempre acomodadas, um grande número que são indecisas, vagas, receosas [e] com dúvidas? ⁽³⁾

Como se disse atrás, o núcleo de fraternidade a ser formado de acordo com o primeiro objectivo da Sociedade Teosófica está na verdade em formação. Estar em formação significa que não está ainda totalmente formado ...

A Humanidade é o nosso reservatório. É a fraternidade está sempre a ser construída. É

OSIRIS • A Fraternidade como uma Via para a Consciência Desperta

como os bandos de gansos selvagens a voar no céu. A sua composição varia consoante a época, mas há sempre bandos a voar.

Continua a haver perguntas para colocar. Sois vós, sou eu, indeciso, vago, receoso e descrente? Estou acomodado? Estais acomodados?

A formação do núcleo de fraternidade depende da procura e da resposta da alma de cada um. E a resposta pertence a todos. Tem a sua validade no pano de fundo da consciência,

uma permanente consciência desperta não comprometida.

Roma, Julho de 2010

∞

Referências:

- (1) The Way of Chuang-Tzu, traduzido por Thomas Merton, p.114/115
- (2) Agora, de J. Krishnamurti – Ommen Camp, 1929
- (3) id.

Os membros da Sociedade Teosófica têm um objectivo único no mundo, objectivo que devem realizar na sua própria esfera individual, quer esta lhes pareça reduzida ou muito vasta. Nenhum esforço se perde no trabalho teosófico e, como poderia ser de outro modo, quando, como disse um Mestre da Sabedoria, “A Teosofia só pode encontrar expressão objectiva num amplo código de vida, totalmente impregnado de um espírito de tolerância mútua, caridade e amor fraternal. A sua Sociedade, como corpo, tem uma tarefa diante de si que, se não for realizada com a máxima discreção, fará levantar em armas contra ela o mundo dos indiferentes e dos egoístas. A Teosofia tem de combater a intolerância, o preconceito, a ignorância e o egoísmo, ocultos sob o manto da hipocrisia. Tem de derramar toda a luz possível do facho da verdade, que foi confiado aos seus servidores. Deve realizar esta tarefa sem receio nem hesitações, não temendo censuras, nem condenação. A Teosofia através do seu porta-voz, a Sociedade, tem de dizer a VERDADE contra toda a Mentira, enfrentá-la sem qualquer receio de consequências más e resistir à calúnia e às ameaças. Como Associação tem não só o direito, mas também o dever de revelar os defeitos e esforçar-se por corrigir os erros, quer pela voz de conferencistas escolhidos, quer através da palavra impressa nos seus jornais e publicações – tornando, contudo, as acusações tão impessoais quanto possível. Mas os seus Membros, individualmente, não têm esse direito. Têm de seguir o exemplo de uma moralidade firmemente delineada e firmemente aplicada, antes de ganharem o direito de apontar, mesmo com espírito amável, a ausência de semelhante unidade ética e honestidade de propósitos noutras Associações ou indivíduos.”

John Coats

A Vida e a Sua Mensagem

C. JINARAJADASA

Existe uma máxima, cuja exactidão todos nós podemos verificar com a nossa própria experiência que afirma que nos elevamos na vida espiritual através dos degraus estabelecidos no nosso passado.

A vida do homem consiste numa mudança contínua no modo de encarar a existência. À medida que ele passa por experiências, uma atrás da outra, eleva-se, por assim dizer, de um nível para outro, no caminho escarpado de uma montanha e a paisagem que avista muda continuamente.

Reconhecemos que existem duas espécies de visão ao nosso alcance: a do homem comum e uma outra visão que foi revelada pelos grandes guias da humanidade, os Fundadores das Religiões. No entanto, somos levados a acreditar que essa visão dos Grandes Instrutores tão elevada é só para Eles e que, nós, os humanos, vivendo em níveis inferiores, não somos capazes de semelhante visão. Mas o objectivo da mensagem da Teosofia é precisamente o de mostrar que aquilo que os Seres maiores alcançaram também um dia será alcançado por cada ser humano.

Em primeiro lugar, vejamos em que consiste a visão comum do homem. Qual é a atitude do homem médio perante aqueles que o rodeiam? Sabem que, de uma forma ou de outra, resvala no ressentimento. O homem comum não gosta de ver à sua volta coisas diferentes daquelas a que está habituado; não se sente à vontade entre os que pensam de outro modo, e não é feliz se encontra uma oposição

ao que pensa e ao que sente. Daqui resulta que cada um de nós transporta consigo uma forma subtil de antipatia para com os que não são seus compatriotas ou para com aqueles que não têm as mesmas crenças religiosas; e se não for uma verdadeira antipatia, será então um sentimento de superioridade. Manifestamos um espírito crítico e fazemos com que tudo dependa do nosso eu e das suas necessidades. O que pode servir ao nosso “eu”, designamos como “bem” mas, em qualquer lugar, se alguma coisa parece restringir a expansão do nosso eu denominamo-la por mal.

É por isso que possuímos a visão comum do homem médio que se baseia no sentido crítico, e somos muito pouco influenciados por aquela simpatia mais alargada de que, na realidade, somos capazes.

Mas existe uma visão diferente que qualquer homem e qualquer mulher mais cultos começam a entrever porque lhes é revelada pelos grandes poetas. O que caracteriza um poeta é precisamente essa visão mais ampla e, em particular, o poder ver o Divino no homem. O grande poeta mantém-se afastado da humanidade; descobrireis que Shakespeare, que vê todos os homens como do alto do Olimpo, aponta as suas fraquezas e os seus defeitos mas, no entanto, envolve-os com a sua benevolência. Dá prova dessa capacidade de visão quando coloca na boca de um dos seus personagens, ao falar de um outro a seguinte afirmação: *Deus o fez, então admitimos que seja um homem.*

Observareis que cada vez que Shakespeare se ocupa de um ladrão não lhe testemunha nenhuma antipatia; fá-lo viver e realizar as suas perversidades porque não tem ressentimento contra o mal que daí depende.

Passemos agora ao grande Instrutor Sri Krishna, na Índia. Ele dá provas desta mesma visão divina quando diz *qualquer que seja a forma como os homens se aproximam de mim, eu acolho-os a todos porque todos os caminhos que podem percorrer são os meus caminhos.*

É essa mesma visão divina que nos mostra esse outro grande Instrutor, o fundador do Budismo, quando dá um código de conduta àqueles que queriam segui-lo — *do modo que uma mãe ama o seu filho, o seu único filho, do mesmo modo é preciso que cada um de nós ame todos aqueles que nos rodeiam, quer esteja sentado, de pé ou deitado.*

Amar todos aqueles que o cercam. Eis aquela esplêndida visão do homem na qual já não existe a questão de divisão de raça, credo ou religião e que é dada à humanidade pelos maiores Instrutores, aqueles que abriram a porta do Céu.

Afigura-se-nos que esta sublime visão não é possível senão a um pequeno número, a esses gigantes espirituais, a esses altos cumes da cadeia da humanidade. Mas a mensagem da Teosofia aí está para nos afirmar que aquilo que os maiores realizaram também será realizado por cada um de nós, por cada um dos milhares de seres que vivem no mundo. É por isso que é interessante estudar o caminho que conduz a essa realização e de que modo todos os homens alcançarão a visão divina.

Quando, com a ajuda da Teosofia, analisarem o processo da vida e particularmente quando começarem a compreender o mistério do vosso próprio sofrimento, vereis pouco a pouco, que a vida está a forçar-nos, a obrigar-nos a aprender certas coisas, e uma dessas

grandes lições é a da Vida Una. Lentamente, muito lentamente, os homens são levados a compreender que existe uma UNIDADE; essa Unidade será descoberta por cada um de nós consoante o seu temperamento e pouco importa os nomes que irão dar a essa Vida Única. Em primeiro lugar, vem, pois, o reconhecimento da Vida Una. Mas isso não é suficiente, porque é necessário que o homem descubra também a sua imortalidade, a sua libertação da morte, mesmo enquanto vive num corpo mortal. Cedo ou tarde, cada um de nós deverá resolver o problema da imortalidade. É necessário estarmos absolutamente certos de que somos imortais. Podemos considerá-lo intelectualmente ou voltarmo-nos para esta ou aquela filosofia, mas não encontraremos a prova da imortalidade senão quando descobirmos um trabalho ao qual nos consagraremos inteiramente. É somente quando nos entregamos completamente a um trabalho assim, sofrendo por ele fazendo sacrifícios que teremos, pela primeira vez, um vislumbre da nossa natureza imortal. E quando tivermos tido essa percepção, quando tivermos sentido e conhecido algo dessa Unidade, então todos os homens terão para nós uma nova mensagem.

Não menos importante, mas mais difícil de compreender, é a mensagem da Vida que os vossos inimigos vos trazem. Não pensamos nos nossos inimigos, naqueles que nos detestam, como se tivessem para nós uma mensagem. No entanto, na condição de estar desligado e de considerar objectivamente o nosso inimigo, esforçando-nos por compreendê-lo, começamos a perceber que ele não nos detesta senão pelo que está em nós próprios. Ele apenas faz o retorno do que faz parte da nossa natureza e que já tínhamos exteriorizado. É a isso que nós chamamos ódio.

O nosso inimigo pode ensinar-nos algo do mistério da vida, dar prova de desapego,

como permanecer sereno entre a dor e o prazer. É assim que, de todos os lados, os homens, o amigo, o Guru, o Instrutor, o inimigo nos ensinam alguma coisa sobre a Vida.

Acontece o mesmo quando se trata de um grande número de pessoas. Elas tomarão um novo significado à medida que se descobre a misteriosa natureza do ser humano. A razão de ser dessa mensagem é, antes de mais, a de libertar alguma coisa que existe dentro de nós. O que é que acontece quando gosto do meu amigo? Em verdade, sinto uma grande alegria e, mais ainda, ele liberta em mim uma capacidade de amor e de ternura e, desde que essa ternura se liberte dentro de mim, poderei dá-la aos outros. Eu que pensava ser incapaz de fazer algo de grande, ou de fazer o menor sacrifício, sinto que, porque amo, sou capaz de realizar grandes coisas. Esta capacidade sempre estivera dentro de mim, mas foi necessário esperar pelo momento em que alguém batesse, que tivesse a chave da minha porta, e que pudesse libertar-me. O amigo é sempre aquele que liberta as capacidades do outro que estão escondidas.

Quando admiro um herói e fico maravilhado com o seu acto de heroísmo, é uma forma de descobrir em mim próprio o poder de vir a ser também um herói. Quando tomo a resolução de viver como ele, quando me comprometo a segui-lo, não faço senão libertar-me das cadeias que me embaraçam, a fim de me elevar até ao seu nível.

Quando vamos aos museus para admirar as obras de grandes artistas, o que é que acontece? Descobrimos alguma coisa da natureza, da beleza que está dentro de nós. Porque o belo desperta em nós é que nós somos capazes de o admirar nas obras de arte.

Qual é o mistério que se verifica numa sala quando, ano após ano, milhares de pessoas escutam e se sentem arrebatadas de admiração pela mensagem da música? Será somente por

Beethoven exprimir a grandeza da Vida como ele a compreendeu? Não. É muito mais. Ele desperta, no coração daqueles que o escutam, a nobreza do coração; ele liberta o músico escondido na multidão de ouvintes que se apertam para escutar a sua música.

Aqui está um dos sentidos da Vida.

A Vida liberta-nos incessantemente e quando olhamos para os nossos amigos, cada um deles liberta em nós a capacidade da Vida Divina.

De modo contínuo, pela troca constante de pensamentos e de sentimentos, as forças escondidas dos homens agem umas sobre as outras, cada um de nós fica liberto e, lentamente, o nosso eu mortal é posto de lado e, só então, descobrimos algo da nossa natureza escondida, imortal.

Quando aquele que procura a visão divina chegou a este ponto e sente que cada homem tem para ele uma mensagem qualquer, quando vê com “esses olhos mais abertos”, então aparece-lhe uma cena maravilhosa que faz parte da visão divina. É como se toda a sua vida de dever, de tribulação, tudo o que torna o mundo tão cheio de obscuridade e de trevas se tivesse transformado.

Quando chegamos à fase de ver os homens sob esse ponto de vista e de compreender que todos eles têm uma mensagem para nós, então começaremos a pressentir e a ver por detrás de cada mulher e de cada homem um arquétipo divino, através do qual Deus se esforça por talhar uma obra divina imortal na nossa frágil humanidade.

É esta visão dos divinos arquétipos por detrás de todos os homens que é, em verdade, a GRANDE MENSAGEM que a vida nos ensina quando estamos prontos para compreendê-la. Anteriormente nunca tínhamos visto a humanidade sob este aspecto. Então, todos os seres sem distinção de raça, credo, casta ou cor, tanto

os maiores como os mais pequenos ou os mais humildes, nos aparecerão como divinos.

Temos o hábito de considerar divinos apenas alguns seres muito elevados. Cristo, Krishna, Buda, Zoroastro, Maomé são divinos, dizemos nós, porque sentimos neles algo da Divindade, mas não existe diferença de natureza entre os seres humanos, quer permaneçam no cume ou na base da escada da evolução. Todos os homens têm a mesma natureza divina, somente que em Cristo, em Buda, essa natureza divina está plenamente desenvolvida e, em todos aqueles que para nós são enigmas, e cujos rostos nada nos ensinam, a natureza divina ainda está aprisionada.

É para proclamar esta mensagem que cada Instrutor vem. Porque é que Cristo nasceu na Palestina? Seria somente para que os homens se lançassem aos seus pés e o adorassem? Não, mas, de preferência, para mostrar que cada ser humano podia viver a vida crística.

Porque é que Buda surgiu? Seria para dizer eu sou como vós, um homem entre os homens. Eu lutei, mantenho-me agora como um salvador da humanidade para mostrar a cada um de vós que, se seguirdes o caminho da santidade e viverdes do modo mais apropriado, sereis como eu sou.

Os Instrutores Divinos vieram e tornarão a vir ainda muitas e muitas vezes, para nos mostrarem que a visão de que são capazes é igualmente a nossa herança. Está ali, no sacrifício, a sua alegria. Eles tornarão a vir continuamente

até que um número de seres, sempre crescente, possuindo a visão divina, se eleve com Eles juntando-se à sua santa companhia.

A vida de hoje não é totalmente fácil e feliz. Tantos espinhos que existem sob as rosas, tanta fadiga e tanta angústia. No entanto, através dessa nuvem de aflição, podeis escutar uma maravilhosa melodia porque o Amor é o seu canto. Essa melodia lembrar-vos-á a vossa própria alegria interior, dando-vos a certeza de que a Beleza suprema e o Bem são Um convosco. Para vós, torna-se possível possuídes todos esses tesouros do Reino de Deus. Eles não estão guardados no céu para que os tenhais depois da vossa morte. O céu e todos os seus esplendores serão vossos se ousardes viver e trabalhar pela visão divina.

Assim, não imagineis que, para se ser espiritual, seja preciso assistir a serviços religiosos, a conferências ou ler livros. É uma questão de olhar para dentro do coração dos homens, partilhar das suas alegrias e dos seus desgostos e sentir que, dado que sois um pouco mais velhos e mais fortes do que a maior parte dos vossos semelhantes, podeis tornar os fracos mais fortes e purificar os lugares obscuros do mundo. Ousai começar a trabalhar para essa vida gloriosa e obtereis inevitavelmente a divina visão do homem. ∞

(Extractos de uma conferência dada em Londres a 8 de Maio de 1927)
in Le Lotus Bleu, Janeiro de 2010

A Arte é vida na sua máxima intensidade e revela a beleza e o valor das actividades humanas, mas a sua missão é mostrar aos homens que a vida é como um vitral colorido de portentosa cúpula, reflectindo em vários raios coloridos a branca irradiação da Eternidade.

C. Jinarajadasa

Nos Sábios Não Existe Apego

C. A. SHINDE

Se fizermos a pergunta “quem está apegado à acção e a quem pertence a acção sem apego”, a resposta que poderá surgir na nossa mente é que os ignorantes estão apegados às suas acções e os sábios vivem desapegados. Tentemos perceber o verdadeiro significado da afirmação *nos sábios não existe apego*, dividindo-a em duas partes. Em primeiro lugar para compreendermos quem é o sábio e, depois, para compreendermos o processo do apego. Consideremos a primeira parte, isto é, quem é sábio? Poder-se-á responder que, entre as espécies da terra, a espécie humana é a que é sábia. O nome científico do homem é *Homo Sapiens*; *Homo* é o nome do género que significa ‘homem’ e *Sapiens* o nome da espécie que significa ‘sábio’. Assim, *Homo Sapiens* quer dizer ‘homem sábio’. É fácil sermos denominados sábios, mas não tão fácil agir sabiamente. Agir de modo sábio significa trazer valores elevados para a vida.

Ser Humano – uma Espécie Única

O homem é autoconsciente, isto é, tem consciência de si próprio. Enquanto outras espécies possuem uma consciência grupal que pertence à sua própria espécie, o ser humano é uma espécie única no sentido em que tem a capacidade de inquirir. Só o homem consegue fazer perguntas e inquirir sobre a sua origem e lugar na natureza. O seu cérebro volumoso e postura erecta distinguem-no dos outros primatas. Com esta vantagem evolutiva desenvolveu uma profunda sensibilidade em relação

à realidade da sua vida e às situações que o rodeiam. O seu cérebro, mente e consciência juntam-se para proporcionar conhecimento em três níveis diferentes e torná-lo cada vez mais sábio. O cérebro ajuda-o a processar os dados sensoriais, a mente reflecte sobre os dados recolhidos, a consciência confere-lhe subjectividade e ele torna-se capaz de obter conhecimento em primeira mão. Assim o homem, com a sua mente inquiridora, pode ter convicção intelectual e dar um passo em frente para o *insight* espiritual ou realização intuitiva. Em suma, o homem é único e tem o potencial para se tornar sábio se se libertar dos seus reflexos animais, das suas paixões animais. Devido aos seus reflexos e paixões animais está apegado, ligado ao seu grupo, e não se importa de enganar e lutar com os outros grupos.

É comum julgar-se que uma coisa é boa e que outra coisa é má, que isto é útil e que aquilo não é útil; mas tal não chega para se tornar sábio. No sábio prevalece a responsabilidade. Ser-se humano é viver num estado de responsabilidade. O sentido da responsabilidade é construído na natureza psíquica do homem como uma força positiva, sendo esta a razão por que ele oscila entre dois pólos. Num pólo existe o sentido da responsabilidade e, no outro, os reflexos animais que tentam escapar-lhe, pelo que o homem fica confuso, permanecendo numa constante luta interior. O homem não é sábio porque tem a tendência para se evadir da responsabilidade, que é um impulso puramente biológico e uma forma de egoísmo que conduz

ao apego e ao egoísmo. Neste sentido, o homem é uma espécie única que atravessa o terceiro milénio. Perguntemo-nos se não estará na hora de aceitarmos a nossa responsabilidade para com as futuras gerações e para com o planeta em que, juntos, evoluímos?

Características do Sábio

O homem precisa de saber que os sábios compreendem e usam a responsabilidade como uma dessas forças humanas invisíveis, como a força de vontade. A responsabilidade intensifica a vida do homem quando este a possui. Ele aprende a pôr em prática o conhecimento, que é a importante qualidade da auto-responsabilidade. Ele compreende que os princípios éticos básicos deverão ser postos em prática. Ele compreende que, ser sábio, significa conservar a vida, promover a vida e dar maior valor à vida em desenvolvimento. Ele compreende que é insensato destruir a vida, ferir a vida, afastar a vida do seu verdadeiro desenvolvimento. Na vida actual, ele não está nem contente nem zangado com a sua sorte.

Ele compreende que os problemas que hoje enfrenta são os pequenos desafios de ontem que pretendeu ignorar. Ele sabe que, se não enfrentar um desafio quando ele surge, mais tarde terá de fazer face ao problema 'aumentado', tal como se ignorarmos uma cria de leão, um dia teremos de enfrentar o leão adulto. Ao aceitar a responsabilidade, ele cria valores subjectivos e estabelece códigos morais ao mesmo tempo que firma contactos sociais. Ele é capaz de aprender e de compreender não só através de experiências, como também pela observação dos outros. Não precisa de passar por experiências mas pode tornar suas as experiências dos outros. É esta qualidade de percepção que determina a qualidade da sua perspectiva e a estrutura dos valores. Põe em prática o conhecimento e à medida que aplica a sua inteligência, sensibilidade

e perceptividade, começa a sua caminhada da não inteligência para a inteligência, do egoísmo para o altruísmo e, naturalmente, outras pessoas seguiu-lo-ão porque o altruísmo e a generosidade são as suas qualidades radiantes. A sua vida é uma vida de humildade, de observação e escuta generosas. Trata todos da mesma forma, não tem favoritos. É uma criança entre crianças, um jovem entre adultos e um idoso entre os idosos, corajoso entre os corajosos, partilhando o sofrimento com os miseráveis. Então, como nos podemos tornar sábios? Está claro que se trata de uma caminhada da animalidade para a Divindade.

Viagem da Animalidade para a Divindade

A segunda parte da afirmação passa pela compreensão do processo de desapego, que é uma viagem da Sala da Ignorância para a Sala da Aprendizagem e desta para a Sala da Sabedoria, como aparece em *A Voz do Silêncio*, de H.P. Blavatsky. Na Sala da Aprendizagem o homem aprende a pensar e a reflectir, passo a passo, e aprofunda a sua compreensão acerca da vida, de certas afirmações importantes e caminha em direcção a uma maior sabedoria. Consideremos a afirmação de J. Krishnamurti *vós sois o mundo*, que não é uma afirmação matemática, mas o *insight* de uma pessoa sábia. Há muitas formas para compreender aquela afirmação. Se se fizer uma abordagem literal de *vós sois o mundo*, então a palavra 'mundo' é um substantivo sem qualquer conteúdo atrás de si. Krishna ou Jesus são nomes, mas os indivíduos por detrás desses nomes são uma realidade. De igual modo, a palavra 'mundo' é o nome, mas nós somos a realidade. Este é o primeiro passo para a compreensão do significado da palavra 'mundo' como um colectivo de indivíduos. O segundo passo consiste também em compreender o nosso contributo enquanto indivíduos. Se formos feios, contribuimos para a fealdade do

mundo. Se o mundo estiver cheio de corrupção, ódio, inveja, ira, ganância, ambição, etc., então o estudante aceita, com este novo passo, que ele contribuiu para isso. Não pode atirar a responsabilidade para qualquer outro. Sempre que condena alguém, ele compreende que está a condenar-se a si mesmo. Assim, alcança uma visão holística do mundo, vendo-o como um todo integrado e não como um conjunto dissociado de partes.

Com o terceiro passo ele compreende o real significado da palavra ‘mundo’; pergunta-se *como é que podemos ser considerados responsáveis quando só temos bons pensamentos, sentimentos de boa vontade e agirmos correctamente?* Ele reflecte, profunda e honestamente, e verifica que ele próprio não é sempre o mesmo, porque algumas vezes está agitado e utiliza palavras ásperas. Ele compreende que esta é a sua contribuição para o estado de fealdade do mundo e aceita, assim, a responsabilidade e compreende o verdadeiro valor da frase *vós sois o mundo*. E então compreende que ser-se humano é viver num estado de responsabilidade. Passa a ser a sua própria descoberta que ele não é apenas uma parte do mundo, mas que é o mundo. Como atrás se disse, a responsabilidade é a qualidade formativa da sua natureza psíquica, reflectindo-se na sua conduta.

Utiliza os seus dons como um bem à sua guarda e não como posses. O seu tempo, capacidades e posses são os seus dons e ele utiliza-os em benefício da humanidade. Com esta qualidade magnânima eleva-se acima da futilidade e torna-se sábio. Desta forma eleva-se do ego pessoal para o ego espiritual. Neste sentido é o seu salto quântico – da animalidade para a Divindade.

Então possui verdadeiro conhecimento, o qual acarreta naturalmente magnanimidade e contentamento. A luta que pertence à personalidade perde o seu poder. Annie Besant diz

que existem encarnações de diferença entre um homem ignorante e um homem sábio.

Quantos de nós seremos capazes de reconhecer um santo? Para se reconhecer tal pessoa tem de haver algo dentro de nós que ressoe e esteja sintonizado com a sua natureza, que vibre em harmonia com ela. É uma lei que, se a pessoa criar harmonia dentro de si, então a harmonia divina manifesta-se através dela tornando-a santa ou sábia. O antídoto para o apego é o desaparego ou ‘abrir mão’.

O Desapego é a Essência da Virtude

O processo do desaparego é a virtude de agir sem apego. O homem precisa primeiro de saber quanto está apegado. Por ignorância e egoísmo está apegado à acção; e, por consequente, está sujeito ao karma, a que chama sina, sorte ou destino. Está apegado ao seu corpo e é movido pelas emoções e pensamentos. Está psicologicamente isolado e vive cada vez mais para si mesmo, simplesmente aproveitando-se dos outros. Ganância, egoísmo e desonestidade são características suas. Reage rapidamente, sem que tenha compreendido totalmente, ou realmente percebido, o que está a acontecer. Predomina a ideia de ‘eu’ e ‘meu’.

O ego é o pensamento eu, mim e meu, mas o verdadeiro ‘Eu’ é o puro Si. Se considerarmos o Si como ego, então tornamo-nos egoístas. Se considerarmos o Si como a mente, tornamo-nos a mente, se como o corpo, tornamo-nos o corpo. É o pensamento que constrói paredes ou invólucros de tão variadas maneiras. Os homens estão apegados aos seus animais de estimação, ao jardim ou à quinta, à sua posição, mobília, filho ou filha, aos seus deuses, à sua religião, ao seu país, etc. A sua vida baseia-se tanto em apegos materiais como em apego ao dogma, crenças, ideias, etc. Uma pessoa pode ser letrada e culta, mas também lasciva, gananciosa e fútil. Onde existe verdadeiro conhecimento não

existe apego. Se o conhecimento não ajudar o homem a tornar-se desapegado e livre, então é porque há algo errado com a sua interpretação ou compreensão.

O que é necessário ao desapego é compreender e aceitar o apego e aprender a ver e a perceber que no apego há dor, medo, inveja e ansiedade. É verdade que não se pode evitar que se formem impressões no cérebro e aí se acumulem, porque o cérebro regista automaticamente. Temos padrões cerebrais de comportamento. Não precisamos de ter o trabalho de fazer parar este registo automático de impressões no cérebro, mas devemos prestar uma atenção constante a este processo de registo e aprender a ver as nossas próprias reacções. O verdadeiro conhecimento não conhece apego; por exemplo, a identificação com o corpo e a mente é uma ilusão.

O corpo não é real. Cada partícula nele está em constante mutação. O mesmo se aplica à mente. Num momento está feliz para logo a seguir estar infeliz. É como um redemoinho de água sempre a mudar. Então o homem compreende e realiza que o corpo e a mente são um conjunto de fenómenos mutáveis e deixa de se sentir apegado ou identificado com eles. Com o verdadeiro conhecimento o homem torna-se activo no nível físico e não preguiçoso. No nível emocional deixa de sentir zanga, luxúria e ganância e, no nível mental, deixa de sentir orgulho e inveja. Torna-se desapegado, o que passa a ser a sua virtude essencial. Isto ajuda-o a posicionar-se correctamente e não tanto a posicionar os outros correctamente. ∞

in The Theosophist, Julho de 2009

Eu sustento que o sentimento religioso cósmico é o mais forte e nobre incentivo à investigação científica. Todos os sábios têm um sentir muito especial sobre a religião, contribuindo para isso a ordem maravilhosa e sublime que se revela, tanto na natureza, como no mundo do pensamento, e perante a qual os nossos mesquinhos desejos e intentos nada valem. O sábio vê na nossa existência uma espécie de prisão e precisa experimentar a sensação do universo, como um simples todo de estupenda significação. O homem de ciência vive absorvido na causalidade universal. Para ele, o futuro é, a todos os respeitos, tão necessário e determinado como o passado. Os seus sentimentos religiosos concentram-se numa fascinação absorvente pela harmonia das leis da natureza, que revela uma inteligência de tamanha magnitude que, comparados com ela, todo o saber e actividade humana não passam absolutamente dum pálido reflexo seu. Este sentimento é o guia primacial na vida científica e prevaleceu sempre e indubitavelmente nos génios religiosos de todas as idades.

Albert Einstein

Teosofia para Quando?

JOSÉ CORREIA

Todos vivemos na história, num período histórico que é o da nossa vida. Sabemos bem que o não escolhemos por não termos ainda esse direito de opção e que as rosas e os cardos, as alegrias e as dores, as oportunidades e as contrariedades não correspondem, como erradamente supomos, àquilo a que ambicionamos.

As dores, logo e violentamente as rejeitamos como obstáculos daninhos e inúteis nas nossas vidas. As alegrias e as oportunidades, essas sim, quadram bem com os nossos desejos.

Na aparência assim é. O mal rejeitamo-lo, o bem abraçamo-lo sôfregos. Mas será o mal um mal e o bem um bem?

Tudo depende do ponto de vista em que se veio a situar a nossa consciência.

A partir da fronteira desta vida material e da vida espiritual assim nos é sugerida a realidade ou a ilusão do bem e do mal. Essa fronteira é a mente. Para cima e para baixo há dois homens distintos: o da matéria e o do espírito. Ao primeiro pertencem a carne, a emoção e o pensamento concreto. Aqui, então, a noção entre o bem e o mal revela-se como reacção ao mundo que nos cerca. As portas dos sentidos abrem-se para ele e tudo, para a consciência que apenas pode perceber o que através deles lhe chega, se lhe afigura como a realidade e o fim. Pensamos, trabalhamos, dormimos, comemos, planeamos e actuamos como se fosse este o metro avaliador e bem aferido das nossas vidas, a única medida dos nossos actos, desejos e pensamentos. Difícil e bem difícil é apreciar a vida,

dimensioná-la por um outro padrão. No fim, e como alvo, o que nós pretendemos é enquadrar-nos neste mundo objectivo, nesta vida material e palpável, quente ou gelada, violenta ou pacífica que nos rodeia.

A consciência é neste ponto uma escrava do mundo.

A realidade final está para além da fronteira da mente.

Quando com sinceridade procuramos transpô-la, então, oh que tragédia a nossa!... Lá se vai o certo pelo incerto, o seguro pelo inseguro, o conhecido pelo desconhecido. Este é o campo de batalha da Vida com maiúscula que a si mesma se procura sempre através de nós próprios. Ninguém mais nos compreende. Somos escolhidos na vida dos nossos próprios familiares, criaturas sem préstimo a não ter em conta e com ideias estranhas para aqueles que mais se ligam connosco. Falamos mas é como se não falássemos. Não nos entendem nem se preocupam com aquilo que ouviram. Avisamo-los mas sorriem trocistas e atraíam sobre si dificuldades e males que não quiseram ver e lhes foram mostrados.

Tudo para eles é experiência e para nós exemplo.

Chegaremos assim à noção de tolerância, permitindo ao karma ou destino que se realize e dê frutos.

Só cada um se instrui e salva a si próprio sem o recurso a outrem. Se fosse possível chegarmos à salvação por interposta pessoa, de nada valeria a beleza e a fraternidade cooperativa de uma vida vivida com dignidade e aprumo.

Há quem aguarde no fundo de uma montanha que outro o transporte ao seu cume sem ter de dar um passo. Mas isto é loucura. Por isso tantas vezes me interrogo: – Teosofia para quando?

Fácil será a resposta: – Para quando a Vida transponha a fronteira do mental inferior, raciocinante, discriminador onde parou a consciência. E então virá uma nova luz. Nova aparentemente, apesar de antiga, que iluminará de dentro e não de fora, de cima e não de baixo, de um além de mistério cujo esplendor dizem não ter limites.

Carregados com os fardos usuais da família, da profissão e das capacidades corpóreas, encontramos-nos presos, impedidos de atravessar a barreira. Não podemos ser livres nem trabalhar com assídua segurança naquilo que nos daria a grande oportunidade da realização esperada. Tal é o nosso karma, um karma que em geral complicamos com involuntárias reacções que mais nos prendem do que nos libertam. É esta a maior de todas as dores humanas, pelo menos para quem algum dia pôde sentir no coração a alegria e a felicidade infinita que se não podem descrever por meio de palavras.

«Teosofia para quando?»

Para hoje mesmo, para amanhã, para sempre. Teosofia para todas as horas, todos os tempos, todos os momentos.

Penso que a rosa exala todo o seu perfume e expõe toda a sua beleza quando levada ao peito de cada um.

Sejamos como ela ao peito da humanidade. E em casa, o lugar mais difícil, na rua, no emprego, façamos como ela, abrindo os corações e dando as nossas bênçãos a quanto encontrarmos e aos que convivem connosco.

Passamos por cadeias? Não o façamos sem enviar a nossa simpatia àqueles que estão na clausura.

Passamos por hospitais? Abençoemos quantos ali se encontram em sofrimento.

Viajamos num autocarro? Sejamos com a nossa bênção o perfume que inspire os nossos companheiros de viagem.

Com esta atitude interior salvar-nos-emos de muitos sofrimentos e de muitas angústias desnecessárias.

Não pretendo dizer que com isto a vida se torne para nós imediatamente um mar de rosas. Pelo contrário, torna-se uma moita de espinhos. Mas a dor destes será cada vez menor à medida que a atitude interior se volte para fora. Então a consciência em nós poderá responder de mais alto ao que lhe chega de baixo.

Ao fazê-lo, iluminará o campo da consciência e uma felicidade indizível transpirará de nós por todos os nossos poros.

É esta uma resposta à pergunta: – Teosofia para quando?

Para quando as portas da nossa mente se abrirem à luz de dentro, casando-se com a luz de fora.

Se alguma coisa mais não houvesse para a justificar, esta seria já ótima. Mas a Teosofia é para todos os tempos, para todos os temperamentos. Talvez que alguns a vivam por intermédio da mente. Estes serão os filósofos. Talvez alguns a sintam e derramem por meio da emoção. Esses serão os santos. Para outros ela será a acção directa no campo material. Esses serão os mártires. A todos e para todos, à pergunta feita ela dará resposta. Esta chama-se Renúncia. E aqui está uma palavra que nos poderá causar arrepios de horror. Mas o que por ela se pretende dizer é que deveremos viver a vida sem reclamação de salário. É pela renúncia que poderemos vir a encontrar o Caminho.

E o Caminho, diz Patanjali, é a *renúncia voluntária*.

O salário é o prémio que o egoísmo reclama do reconhecimento público. ∞

in Revista Osiris nº 174, Abril-Junho 1976

Congresso Mundial em Roma

10 a 15 de Julho de 2010

No conjunto dos eventos teosóficos internacionais levados a cabo durante a primeira metade de 2010, salienta-se a realização do 10º Congresso Mundial da Sociedade Teosófica em Roma, entre os dias 10 e 15 de Julho. Este evento foi sucintamente relatado num artigo de carácter noticioso publicado em Agosto na revista *The Theosophist*. Apresenta-se, a seguir, uma tradução/adaptação desse mesmo artigo.

O 10º Congresso Mundial da Sociedade Teosófica, que teve lugar em Roma, de 10 a 15 Julho de 2010, subordinado ao tema *Fraternidade Universal sem Distinção: um Caminho para a Consciência Desperta*, foi um grande sucesso, com a presença de 524 membros de 33 países. As sessões principais foram exibidas em directo pela Internet. Na sessão de abertura foram proferidas as orações das grandes religiões, bem como as saudações das diferentes Secções e dos membros individuais de todo o mundo, seguidas de um discurso de boas-vindas pelo Secretário-Geral da Secção Italiana da Sociedade Teosófica. No seu discurso de abertura, a Presidente Internacional, Radha Burnier, sublinhou a necessidade de compreendermos que a Sociedade Teosófica tem em vista a Fraternidade Universal, o que implica uma mente sem barreiras.

Foram proferidas as palestras seguintes: Porque pertencemos à Sociedade Teosófica?, Linda Oliveira, Vice-Presidente Internacional; O que nos divide, Professor P. Krishna, Secretário da Educação Centro de Rajghat, Varanasi, na Índia; A Base Científica da Fraternidade Universal, Dr.ª Dara Tatray, Presidente da Secção Australiana. Foram realizados os dois simpósios seguintes: um primeiro simpósio sobre A Sociedade Teosófica como Fraternidade Regeneradora, com a participação de Ricardo Lindemann, ex-Presidente da Sociedade Teosófica no Brasil, Patrizia Calvi, Secretária da Secção Italiana, e Jan Jelle Keppler, Secretário-Geral da Secção Belga; um segundo simpósio sobre o tema *Fraternidade como um Caminho para a Consciência Desperta*, com a participação de Tràn-Thi-Kim-Dieu, Secretária-Geral da Secção Francesa, Lissette Arroyo, Secretária-Geral da Secção Mexicana, e Ing-Britt Wiklund, ex-Presidente da Secção Sueca.

Foram realizados os seis workshops seguintes: *Perdão e Interligação: Dois Elementos-Chave na Fraternidade*, com a participação de Betty Bland, Presidente da Secção Americana; *Desafios da*

Fraternidade, com a participação de Marja Artamaa, Secretária-Geral da Secção Finlandesa; *Viver a Fraternidade*, com a participação de Marie Harkness, Secretária Organizadora da Sociedade Teosófica na Irlanda; *Solidariedade e Cooperação: Expressões Práticas de Fraternidade*, com a participação de Antonio Martinez e Julia Ballesteros, da Sociedade Teosófica na Colômbia; *Prática da Fraternidade na Nossa Vida Quotidiana*, com a participação do Dr. Dusan Zagar, Secretário Organizador da Sociedade Teosófica na Eslovénia; e *Autoconhecimento, como a Base para a Fraternidade*, com a participação de Carlos Guerra, Secretário-Geral da Secção Portuguesa.

Foram proferidas as seguintes oito pequenas palestras: *A Descoberta do Eu*, Colin Price, ex-Presidente da Secção Inglesa; *A Sociedade Teosófica sob Provação*, Pedro Oliveira, Coordenador do Gabinete Editorial, Sede Internacional; *No Princípio está o Meu Fim*, Mary Anderson, ex-Vice-Presidente Internacional; *A Auto-Percepção e a Acção Fraternal*, Marcos Resende, Presidente da Secção Brasileira; *Amor e Serviço – Estrelas Gémeas da Fraternidade*, S. Sundaram, Secretário-Geral da Secção Indiana; *O Significado de nosce te ipsum na Prática da Fraternidade Universal*, Prof.ª Graziella Ricci, membro da Secção Italiana; *A Vida: uma Sinfonia de Arte e Beleza*, Manju Sundaram, membro da Secção Indiana; *Colher uma Flor Afecta uma Estrela Distante*, Bhupendra Vora, ex-presidente da Secção Africana Oriental e Central.

Os programas da tarde incluíram as seguintes sessões: *Yoga da Música – Estudo é Transformação*, Dr. Edi Bilimoria; *Bel Canto Italiano*, com soprano, tenor, barítono e piano; *Música Clássica Italiana* pela banda Cidade de Roma; e um programa de diapositivos sobre os Centros Teosóficos de todo o Mundo, incluindo o Centro Teosófico Internacional de Naarden, na Holanda, o Centro de Kreivila na Finlândia, a Sede Olcott em Wheaton, o Instituto de Krotona em Ojai, na Califórnia, o Instituto Teosófico de Brasília, no Brasil, o Centro São Rafael, na Argentina, o Centro Manor, em Sydney, os Centros de Springbrook e Canyonleigh na Austrália, e a Sede Internacional em Adyar. O programa da Ordem Teosófica de Serviço teve como tema *O Serviço como um Caminho para a Consciência Desperta*, com a participação de Diana Dunningham-Chapotin, Secretária Internacional da Ordem Teosófica de Serviço, Timothy Boyd, Vice-Presidente da Secção Americana e Vicente Hao Chin, Presidente da Secção das Filipinas.

Na sessão de encerramento, todos os participantes se juntaram para escutar as orações das

diferentes religiões, às quais se seguiu a comunicação de impressões sobre o Congresso, por parte de alguns participantes, e os votos de agradecimento de Antonio Girardi. Em seguida, António Girardi ofereceu uma pequena lembrança à Presidente Internacional, como uma expressão de gratidão dos membros italianos. No seu discurso de encerramento, a Senhora Radha Burnier disse que, embora um Congresso Teosófico gere alegria e proporcione bons momentos aos participantes, temos de estar conscientes de que um Congresso é também uma forma de nos lembrarmos do trabalho a levar a cabo como membros da Sociedade Teosófica. O mundo necessita desesperadamente de um novo entendimento, cuja essência é a Fraternidade Universal. Ocasões como o Congresso Mundial, disse Radha Burnier, devem também ser vistas como momentos de reflexão e nova dedicação ao nosso trabalho essencial, que consiste em tornarmo-nos verdadeiros Teósofos, isto é, verdadeiros seres humanos, livres dos impulsos de natureza animal que tendem a criar divisões, confusão e separação. A Sociedade Teosófica tem um trabalho muito importante a fazer no mundo, que é o de mostrar que apenas uma mudança fundamental na mente humana pode causar uma verdadeira mudança no mundo. A Presidente Internacional desejou a todos os participantes o melhor para a sua viagem conjunta rumo à sabedoria, no sentido de poderem tornar-se verdadeiros Teósofos, e trazerem ao mundo um novo entendimento. ∞

in The Theosophist, Agosto de 2010

Notícias da S.T.P.

No dia 11 de Abril realizou-se, na Sede da S.T.P., em Lisboa, uma sessão pública que integrou um conjunto de três pequenas palestras subordinadas ao tema *Os Objectivos da Sociedade Teosófica*. Seguidas de uma reflexão em grande grupo, essas palestras foram proferidas por Carlos Guerra, Ana Maria Coelho de Sousa e Isabel Nobre Santos. Tal como foi dito aquando da divulgação desta sessão pública, *os Objectivos da Sociedade Teosófica são, indubitavelmente, um dos pontos fulcrais da nossa reflexão enquanto Membros da Sociedade Teosófica; deverão ser também um ponto fulcral da reflexão de todos aqueles que aspirem a tornar-se Membros da Sociedade Teosófica. Na verdade, os Objectivos da Sociedade Teosófica são uma fonte de reflexão inspiradora e inesgotável. Eles propõem-nos múltiplos desafios cuja força transformadora pode ter em cada um de nós um imenso impacto, o impacto impulsor da própria Regeneração Humana.*

No dia 24 de Abril realizou-se, também na Sede da S.T.P., em Lisboa, uma outra sessão pública que integrou quatro pequenas palestras subordinadas ao tema *O que é a Consciência?*, às quais se seguiu uma reflexão em grande grupo. José António Alves abordou o tema, apresentando um conjunto de ideais inovadoras sobre *A Consciência à luz da Física Quântica*; Dilcarina Durão explorou o tema, esclarecendo noções essenciais sobre *A Consciência à luz da Psicologia*; Ana Maria Coelho de Sousa desenvolveu o tema, aprofundando conceitos fundamentais sobre *A Consciência à luz da Teosofia*; Carlos Guerra lançou alguns desafios ao conhecimento e à transformação de si mesmo através da reflexão sobre *A Consciência à luz dos Ensinamentos de Krishnamurti*. A apresentação destas quatro abordagens sobre a problemática da *Consciência* não fragmentou, de forma alguma, a visão holística que uma tal questão deve implicar. Na realidade, essas quatro abordagens são complementares e podem consolidar o nosso entendimento da *Consciência* como um *Todo* insusceptível de qualquer divisão. ∞

No dia 8 de Maio – *Dia do Lótus Branco* – celebrou-se o aniversário da morte de H. P. Blavatsky, na Sede da S.T.P., em Lisboa. A celebração assumiu-se, naturalmente, como uma expressão da profunda afeição, do respeito genuíno, da admiração sem limites e da gratidão imensa que todos sentimos por H. P. Blavatsky. Para entender o significado e a importância deste dia, vale a pena relembrar a *última Vontade* de H. P. Blavatsky, mencionada na *Ordem e recomendação* escrita por Henry Olcott em 1892, em Adyar, e expressa pela própria H. P. Blavatsky no seu Testamento, escrito em 31 de Janeiro de 1885, também em Adyar.

Na sua última Vontade, H. P. Blavatsky manifestou o desejo de que anualmente, no aniversário da sua morte, alguns dos seus amigos “deveriam reunir-se na Sede da Sociedade Teosófica e ler um capítulo do livro A Luz da Ásia e [extractos do] Bhagavad Gita”; e uma vez que se espera que os seus colegas ainda vivos mantenham fresca a memória dos serviços de H. P. Blavatsky prestados à humanidade, e a memória do seu devotado amor para com a nossa Sociedade, aquele que abaixo assina sugere que o aniversário da morte de H. P. Blavatsky seja conhecido entre nós como “Dia do Lótus Branco”, e declara a seguinte Ordem e recomendação:
(...)

5. Aquele que abaixo assina recomenda a todas as Secções e Ramos, em todo o mundo, que doravante promovam anualmente sessões, no dia do aniversário da morte de H. P. Blavatsky, e que expressem, de uma forma simples, não sectária, contudo digna, evitando

qualquer adulação servil e elogios fúteis, o sentimento geral de lembrança afectuosa para com ela, que nos trouxe o guia da Sendá ascendente que conduz aos cumes do CONHECIMENTO.

H. S. OLCOTT, Presidente da Sociedade Teosófica
Adyar, 17 de Abril de 1892
Lucifer, vol. X, nº 57, Maio 1892, págs. 250-51
Blavatsky Collected Writings, vol 6, pág. 322

∞

Nos dias 22 e 23 de Maio realizou-se, na Sede da S.T.P., em Lisboa, o 11º Seminário Teosófico, subordinado ao tema *O Lugar da Beleza na Vida*, num trabalho de cooperação entre a Federação Europeia da Sociedade Teosófica e a S.T.P. Por motivos de força maior, a Presidente da Federação Europeia – Tràn-Thi-Kim-Diêu, não teve a possibilidade de estar fisicamente presente neste Seminário; ainda assim, enviou uma mensagem inspiradora na qual se pode ler o seguinte:(...). Junto-me a vós em pensamento nesta exploração do *Lugar da Beleza na Vida*. A vida é bela na sua significação profunda, mas também naquilo que ela tem de efémero. É a significação da vida que dá um sentido ao efémero, e o transcende em direcção aos reinos do Inefável. Poderíamos dizer que o efémero é uma espécie de passagem que conduz a alma sensível à descoberta do Imutável como o instante que leva à descoberta da Eternidade. Toda a alma sensível é uma alma de artista... O Programa do Seminário, cuja abertura esteve a cargo do Secretário-Geral, Carlos Guerra, e da Vice-Presidente da S.T.P., Ana Maria Coelho de Sousa, integrou dois simpósios nos quais participaram Lício Correia, Rosa Duarte, Ana Maria Coelho de Sousa, Isabel Nobre Santos, Júlio Teles e Maria João Figueira; a participação de Maria João Figueira incluiu a colaboração de Isolina Lages. Para além dos simpósios, o Programa integrou Grupos de Debate, nos quais houve a possibilidade de explorar e aprofundar os diferentes aspectos do *Lugar da Beleza na Vida*, de uma forma partilhada. O serão de Sábado, dia 22, foi preenchido com um animado e verdadeiramente convivial Serão Criativo, no qual todas as intervenções, com um carácter mais ou menos espontâneo, tiveram o dom de aproximar todos

os participantes, num clima de partilha e de bom humor. A manhã de Domingo foi iniciada com uma Meditação conduzida pelo Secretário-Geral e, depois de apresentadas as reflexões levadas a cabo pelos Grupos de Debate, procedeu-se ao encerramento do Seminário. Um ambiente verdadeiramente fraterno marcou todo o Seminário e aproximou os cerca de trinta participantes. ∞

No dia 19 de Junho realizou-se um *Passeio Temático*, cujo Programa integrou um primeiro encontro em Guadalupe, entre Évora e Montemor-o-Novo, e uma visita ao Recinto Megalítico dos Almendres, seguida de almoço vegetariano e um passeio pelo Centro Histórico de Évora. Antes da partida, os participantes tiveram a oportunidade de lanchar ao ar livre numa agradável esplanada da Praça do Giraldo. Estiveram presentes no *Passeio Temático* cerca de vinte e cinco participantes, entre os quais, alguns membros da Secção Espanhola da Sociedade Teosófica, nomeadamente alguns membros do Ramo Ceres, Cáceres, incluindo o Presidente do próprio Ramo, Jose Luis Mendoza. ∞

No dia 24 de Julho decorreu na Sede da S.T.P., em Lisboa, pelas 11:30, um encontro com Dolores Gago. Dolores Gago que reside actualmente no Uruguai, onde desempenhou o cargo de Secretária-Geral da Secção Uruguaia da S.T., é Membro da Sociedade Teosófica há mais de cinquenta anos. Durante os últimos dez anos, aproximadamente, viveu em Adyar, onde desempenhou os cargos de Secretária Internacional da Sociedade Teosófica e de Secretária da Escola de Sabedoria. De facto, foi uma oportunidade excepcional este encontro com Dolores Gago, a qual, com grande poder de comunicação, e com uma visão pragmática das questões que aborda, a par de um grande sentido de humor, partilhou com os cerca de vinte participantes não só as suas experiências como Teósofa, mas também ideias diversas sobre a Teosofia, a Sociedade Teosófica e os Teósofos de renome internacional com quem teve a possibilidade de contactar. A dedicação de Dolores Gago não pode deixar de ser referência inspiradora para todos os Membros da Sociedade Teosófica. ∞

Tu és infinitamente belo quando dás sem um único pensamento de pedir ou tirar.

N. Sri Ram

LIBERDADE DE PENSAMENTO

Resolução aprovada pelo

Conselho Geral da S. T. a 30 de Dezembro de 1924

Uma vez que a Sociedade Teosófica se espalhou por todo o mundo civilizado e que tem nos seus quadros membros de todas as Religiões, os quais não renunciam às doutrinas peculiares e ensinamentos de suas respectivas crenças – logo que não vão contra o Princípio da Fraternidade Universal sem distinção de qualquer espécie – conclui-se ser desejável acentuar o facto de não haver nenhuma doutrina ou opinião ensinada, que o membro da Sociedade seja obrigado a seguir ou não tenha liberdade de aceitar ou recusar. A aceitação dos seus objectivos é a única condição para tornar-se membro da Sociedade. Nenhum escritor ou instrutor, seja H. P. Blavatsky ou qualquer outro, tem autoridade para impor os seus ensinamentos ou opiniões aos membros. Pode apenas expô-los. Cada membro tem igual direito de aceitar qualquer escola de pensamento da sua preferência, mas não tem o direito de a impor aos outros. A ninguém se pode negar o direito de votar ou de ser elegível por causa das opiniões que defenda ou da escola de pensamento a que pertença, logo que o Princípio da Fraternidade seja respeitado, pois as opiniões ou crenças não conferem privilégios, nem acarretam penalidades de qualquer espécie. Os membros do Conselho Geral rogam, encarecidamente, a todos os membros da Sociedade Teosófica, que sustentem, defendam e actuem de acordo com os princípios fundamentais da Sociedade e também exerçam com firmeza o seu direito de liberdade de pensamento e expressão, dentro dos limites de cortesia e delicadeza para com os demais.

INDEPENDÊNCIA DA SOCIEDADE TEOSÓFICA

Resolução aprovada pelo

Conselho Geral da S. T. a 30 de Dezembro de 1950

Embora cooperando com quaisquer outras entidades cujos objectivos possibilitem tal cooperação, a Sociedade Teosófica é e deve permanecer uma Organização inteiramente independente daquelas, sem compromissos com quaisquer objectivos que não os seus e atenta ao desenvolvimento do seu próprio trabalho, dentro das normas mais amplas, de modo a dirigir-se para o fim expresso nos seus Objectivos, que incluem o conceito de Sabedoria Divina contido na expressão «Sociedade Teosófica».

Dado que a Fraternidade Universal e a Sabedoria são insusceptíveis de definições completas, há, individual e colectivamente, total liberdade de pensamento para todos os membros da Sociedade, procurando esta manter sempre o seu carácter único e distinto, sem se identificar com qualquer outra organização.

SOCIEDADE TEOSÓFICA DE PORTUGAL

Rua Passos Manuel 20 Cave

1150-260 Lisboa

www.sociedadeteosoficadeportugal.pt

geral@sociedadeteosoficadeportugal.pt

telef.: 213 534 750

Ramos e Grupos de Estudo

- ÉVORA -

Boa Vontade - Maria João Figueira,
mjoaofigueira2009@gmail.com

- LISBOA -

Annie Besant - Carlos Guerra,
carlos.a.g.guerra@gmail.com,
telef.: 266 703 135, 965 741 281

Aquário - António Almeida,
antonioicrpalmeida@gmail.com,
telef.: 218 137 424, 964 786 035

Fraternidade - José António Alves,
isabeljoseantonio@gmail.com

Isis - Maria Lucília Meleiro,
telef.: 217 165 129

Koot-Hoomi - Isabel Nobre Santos,
minobre@yahoo.com

Lotus Branco - João Parente,
joao_1952@sapo.pt, 916 008 902

Maitreya - Maria Alida Rodrigues,
mseijo@live.com.pt, 961 273 843

- PORTO -

Dharma - Lício Correia

Horus - José Almeida

1ª e 3ª quinta-feira do mês, 21:30,
Praça da República 13, 3ºB, Porto,
shakti@sapo.pt, 963 408 166

- SÃO MIGUEL, AÇORES -

G. E. Arcanjo Miguel - Lubélia
Travassos, lubtravassos@gmail.com,
telef.: 296 285 266

- SETÚBAL -

G. E. Amor, Verdade e Beleza -
Maria de Lurdes Rodrigues,
luceliario@gmail.com, telef.: 265 523 624

Sociedade Teosófica

Presidente: Radha Burnier • **Vice-Presidente:** Linda Oliveira • **Secretária:** Kusum Satapathy • **Tesoureira:** Keshwar Dastur

Sede: Adyar, Chennai 600 020, India • www.ts-adyar.org • theosoc@satyam.net.in

Orgão Oficial do Presidente: "The Theosophist", fundado por H.P. Blavatsky em 1879

Ano*	Secção	Secretário Geral	Endereço	Revista	Email
1947	Africa, East & Central	Mr Navin B. Shah	PO Box 14804, 00800-Westlands, Nairobi, Kenya	<i>The Theosophical Light</i>	navinmeera@hotmail.com
1909	Africa, South	Mr Tom Davis	22 Buffels Road, Rietondale, Pretoria, 0084	<i>The S. African Theosophist</i>	thosgDavis@icon.co.za
1956	Africa, West	Mr P.B. Kwakyi	PO Box 720, Accra, Ghana	<i>The W. African Theosophist</i>	tswafrica@gmail.com
1929	America, Central *	Mrs Aura Elena de Martínez	Calle Julio Mejía Pol. E-7, Colonia Univ. Norte, San Salvador, El Salvador		bemapo03@hotmail.com
1920	Argentina	Mrs Silvia Liliana Pastore	Casilla de Correo 166, 5600 San Rafael, Provincia de Mendoza	<i>Teosofia en Argentina</i>	formargina@hotmail.com
1990	Asia, Southeast †		The Theosophical Society, Adyar, Chennai 600 020, India		theosoc@dataone.in
1895	Australia	Dr Dara Tatray	4th fl., 484 Kent St., Sydney, NSW 2000	<i>Theosophy in Australia</i>	tshq@austheos.org.au
1912	Austria *	Mr Herbert Fuchs	Joseph Gaubweg 7, A - 8010 Graz	<i>Theosophie Adyar</i>	herbert.f.fuchs@gmail.com
1911	Belgium	Mr Jan Jelle Keppler	Place des Gueux 8, B1000 Brussels	<i>Le Lotus Bleu</i>	jan.keppler@telenet.be
1965	Bolivia †	Mrs Teresa W. de Nuñez	Casilla de Correo 3911, Cochabamba		saidita_2945@hotmail.com
1920	Brazil	Mr Marcos L.B. de Resende	Sociedade Teosofica no Brazil, SGAS - Quadra 603, No. 20, CEP 70200-630 - Brasilia (DF)	<i>Sophia</i>	tsbrazil@sociedadeteosofica.org.br
1924	Canada *	Mr Medardo Martinez Cruz	3162 Rue de la Bastille Boisbriand QC, J7H 1K7, Canada	<i>The Light Bearer</i>	mmartinez@manhattaninc.com
1920	Chile *	Ms Maximiliano Aguilera	Casilla 3603, Santiago 21	<i>Revista Teosofica Chilena</i>	sociedad.teosofica@gmail.com
1937	Colombia †	Mrs Julia Ballesteros	Carrera. 6, No. 56-27 Apto. 201, Bogotá-2	<i>Selección Teosofica</i>	julitaballesteros@gmail.com
1997	Costa Rica †	Mrs Maria Orlich	Apartado 8-6710-1000, San José		orlichsm@yahoo.com
2007	Croacia Δ	Mrs Nada Tepeš	Krajiška Ulica 24, 10000 Zagreb, Croatia	<i>Teozofija</i>	z.zemlja@gmail.com
1905	Cuba	Mr Gaspar Torres	Apartado de Correos 6365, La Habana 10600		teocuba.sociedad@gmail.com
1987	Dominican Republic †	Mrs Magaly Polanco	1652 Sta. Agueda, C.7 Les Chalets Court Apto 23, San Juan, PR 00926, USA		polanc@prtc.net
1888	England	Mr Eric McGough	50 Gloucester Place, London W1U 8EA	<i>Insight</i>	office@theosoc.org.uk
1907	Finland	Ms Marja Artamaa	Teosofinen Seura, Vironkatu 7C2, Fin 00170, Helsinki	<i>Teosofi</i>	teosofinen.seura@netti.fi
1899	France	Ms Trân-Thi-Kim-Diêu	4 Square Rapp. 75007 Paris	<i>Le Lotus Bleu</i>	editionsadyar@wanadoo.fr
1902	Germany	Mrs Manuela Kaulich	Hauptstr. 39, 93138 Lappersdorf	<i>Adyar</i>	theosophie-adyar@gmx.de
1928	Greece	Mr Theodoros Katsifis	25 Voukourestiou St., 106 71-Athens	<i>Ilisos</i>	info@theosophicalsociety.gr
1907	Hungary †	Mr Thomas Martinovich	Hunyadi Janos ut. II. 8, H-1011 Budapest	<i>Teozofia</i>	tshutau7@hu.inter.net
1921	Iceland	Ms Anna Valdímarsdóttir	P.O. Box 1257 Ingolfstraeti 22, 121 Reykjavik	<i>Gangleri</i>	z.gudspekifelagid.is
1891	India	Mr S. Sundaram	The Theosophical Society, Varanasi - 221 010	<i>The Indian Theosophist</i>	theosophy_vns@yahoo.com
1912	Indonesia	Mr Herry Ispoernomo	Jalan Angrek Nelimurni A-104, Jakarta 11410, Timur	<i>Teosofi</i>	theosofi.indonesia@gmail.com
1949	Ireland *	Mrs Marie Harkness	97 Mountsandel Road, Coleraine - Co. Londonderry UK BT52 1TA	<i>Insight</i>	maricharkness@yahoo.co.uk
1954	Israel Δ	Mr Abraham Oron	PO Box 4014, Ramat-Gan, Israel 52140	<i>Or</i>	mail@theosophia.co.il
1902	Italy	Mr Antonio Girardi	Viale Quintino Sella, 83/E, C.P. 640, 36100 Vicenza	<i>Rivista Italiana di Teosofia</i>	sti@teosofica.org
1997	Ivory Coast *	Mr Pierre-Magloire Kouahoh	Yopougon, 23 Rue Princesse - B.P. 3924, Abidjan 23	<i>Sophia</i>	pm_kouahoh@hotmail.com
1971	Japan Δ	Mr Naotsugu Takahashi	4-12-11 Nakamachi, Nishi Tokyoshi, Tokyo 202 0013		tsjp@hte.highway.ne.jp
1919	Mexico	Mrs Lissette Arroyo Jiménez	Ignacio Mariscal 126 Col. Tabacalera Mexicana, Mexico, D.F. 06030	<i>Teosofia</i>	sociedadeteosofica@prodigy.net.mx
1897	Netherlands	Mrs Els Rijneker	Tolsraat 154, 1074 VM Amsterdam	<i>TeoSophia</i>	info@teosofie.nl
1896	New Zealand	Mr Warwick Keys	17, Belvedere Street, Epsom, Auckland 1051		hq@theosophy.org.nz
1913	Norway *	Mrs Agnes Gaasemyr	Stedevn Ve 9, N - 5162 Laksevaag		post@teosofiskamfunn.no
1924	Peru †	Mr Julio Gerardo Pomar	Jr. Republica de Portugal 152, Breña, Lima 5	<i>Básqueda</i>	teosoficaperu@hotmail.com
1933	Philippines, The	Mr Vicente Haó Chin, jr.	Corner P. Florentino and Iba Streets, Quezon City, Manila	<i>The Philippine Theosophist</i>	philtheos@gmail.com
1921	Portugal	Mr Carlos Guerra	Rua Passos Manoel 20 cave, 1150-260 Lisboa	<i>Osiris</i>	geral@sociedadeteosoficadeportugal.pt
1925	Puerto Rico †	Mr Eladio Polanco	1652 Sta. Agueda, C7 Les Chalets Court, Apto 23, San Juan, PR 00926, USA	<i>Heraldo Teosofico</i>	polancoeladio@yahoo.com
1910	Scotland *	Mr Stuart Trotter	28 Great King Street, Edinburgh, EH3 6QH	<i>Circles</i>	stuarttrotter@hotmail.com
1889	Singapore Δ	Mr Chong Sanne	540 Sims Avenue, No 03-04, Sims Avenue Centre, Singapore 387603	<i>Newsletter</i>	sanne@singaporelodge.org
1992	Slovenia *	Mr Dušan Žagar	Kunaverjeva 1 SLO - 1000 Ljubljana	<i>Teozofska Misel</i>	zagarbreda@gmail.com
1921	Spain	Mrs Clarisa Elósegui	Arenys de Mar 14, 1º-1ª E - 08225 Terrasa - Barcelona	<i>Sophia</i>	clarisaelo@gmail.com
1926	Sri Lanka †	Mr S. M. Jayathilake	20/13, Race Course Road, Badulla (BD) 90000	<i>The Sri Lanka Theosophist</i>	smjbadulla@gmail.com
1895	Sweden	Mr Peretti Spets	Henriksdalsringen 23, SE - 131 32 Nacka	<i>Tidlös Visdom</i>	teosofiska.samfundet.adyar@telia.com
1910	Switzerland †	Mrs Eliane Gaillard	17 Chemin de la Côte, CH - 1282 Dardagny, Genève	<i>The Lotus</i>	egaillard@bluewin.ch
1997	Togo *	Mr Kouma Dakey	S.O., A.R.T.T., BP 76, Adeta		ankh@volicable.com
2007	Ukraine Δ	Mrs Svetlana Gavrylenko	Office 3, 7-and Zhylianska St., Kiev 01033		admin@theosophical.org
1886	USA	Mrs Betty Bland	PO Box 270, Wheaton, IL, 60187-0270	<i>The Quest</i>	samadhii@internet.com.uy
1925	Uruguay *	Mr Nelson Corrales	Javier Barrios Amorin 1085, Casilla de Correos 1553, Montevideo		
1922	Wales *	Ms Julie Cunningham	Tan y fron, Red Wharf Bay, Penrthraeth, Angelsey, Gwynedd LL75 8HJ UK	<i>Insight</i>	jecunningham@yahoo.co.uk

* Data de formação * Associação Regional † Agência Presidencial Δ Grupo adstrito a Adyar

SOCIEDADE TEOSÓFICA

A Sociedade Teosófica foi fundada em Nova Iorque, Estados Unidos da América, a 17 de Novembro de 1875.

A sua sede internacional foi instalada em Adyar, Chennai (Madras), Índia, em 1882

OBJECTIVOS DA SOCIEDADE TEOSÓFICA

1º Formar um núcleo da Fraternidade Universal da Humanidade, sem distinção de raça, credo, sexo, casta ou cor.

2º Encorajar o estudo comparado das Religiões, das Filosofias e das Ciências.

3º Investigar as leis inexplicadas da Natureza e os poderes latentes no Homem.

Conselho da Federação Europeia das Sociedades Nacionais

The Council of the European Federation of National Societies

Presidente: Tràn-Thi-Kim-Diêu

67 Rue des Pommiers

F-45000 Orleans, France

kimdieu_ts@magic.fr

Federação Teosófica Inter-Americana

Inter-American Theosophical Federation

Presidente: Terezinha Franca Kind

SHIS QI28 Conjunto 1, casa 29 Lago Sul,

Brasília DFF, 71.670-210 Brazil

t.kind@terra.com.br

Federação Teosófica Indo-Pacífico

Indo-Pacific Theosophical Federation

Presidente: John Vorstermans

60B Riro Street, Point Chevalier

Auckland 1022, New Zealand

john@theosophy.org.nz

Federação Teosófica Pan-Africana

Pan-African Theosophical Federation

Presidente: Kiran K. Shah

55A Third Parklands Avenue

PO Box 40149, Nairobi 00100, Kenya

kirankh33@gmail.com